

SEGREDOS MORTAIS

Copyright © 2020 Robert Bryndza

Título original: *Deadly Secrets*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL

Flavia Lago

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Samira Vilela

REVISÃO

Júlia Sousa

CAPA

Alberto Bittencourt (sobre imagens de Henry Steadman)

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bryndza, Robert

Segredos mortais / Robert Bryndza ; tradução Marcelo Hauck. -- São Paulo : Gutenberg, 2020. --
(Detetive Erika Foster ; 6.)

Título original: *Deadly Secrets*

ISBN 978-85-82356-35-7

1. Ficção inglesa I. Título II. Série.

20-36081 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

www.editoragutenberg.com.br

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 . Cerqueira César 01311-940 . São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Para Riky e Lola

O homem é menos ele mesmo quando fala de si.
Dê-lhe uma máscara, e ele dirá a verdade.
Oscar Wilde

CAPÍTULO 1

Já era tarde na véspera de Natal quando Marissa Lewis desceu do trem, na estação Brockley, e avançou junto aos passageiros bêbados até a passarela. Os primeiros flocos de neve rodopiavam preguiçosos no ar, e as pessoas, todas afetuosas e alcoolizadas, estavam ansiosas para chegar em casa e dar início às festividades.

Marissa era uma mulher bonita, de cabelo preto azulado, olhos violeta e um corpo escultural. Tinha orgulho de ser *aquela* garota sobre a qual as mães sempre alertam os filhos. Estava voltando para casa, saindo de um clube em Londres onde se apresentava como dançarina burlesca. Usava um sofisticado sobretudo preto vintage com arremate de pele, o rosto pálido e os olhos carregados, cílios postiços e lábios delineados em escarlate. Quando alcançou os degraus que levavam à passarela, dois rapazes à sua frente se viraram e a olharam de cima a baixo. Marissa acompanhou os olhares e viu que a parte de baixo do seu casaco tinha desabotoado, revelando, enquanto subia a escada, um vislumbre da meia-calça e das cintas-ligas que usava durante as apresentações. Ela parou para fechar os grandes botões de metal, e as pessoas passaram aos montes ao seu redor.

– Espero que essa pele seja falsa – murmurou uma voz atrás dela.

Marissa se virou e viu uma jovem esquelética acompanhada do namorado igualmente esquelético. Ambos usavam casacos de inverno surrados, e a mulher tinha um cabelo oleoso comprido.

– É falsa, sim – assegurou ela, abrindo um enorme sorriso para disfarçar a mentira.

– Parece de verdade – discordou a jovem. O namorado, imóvel, a boca semiaberta, encarava o lampejo de renda e liga enquanto Marissa terminava de arrumar o casaco. – Frank! – ladrou ela, arrastando-o escada acima para longe da garota.

O arremate de pele do casaco *era* de verdade. Havia barganhado a peça em um brechó no Soho, mesmo lugar onde tinha comprado a

frasqueira que levava pendurada no braço.

Marissa subiu o resto da escada e atravessou a passarela. Lá embaixo, os trilhos do trem brilhavam ao luar, e uma fina camada de neve começava a se formar nos telhados. Quando estava quase no fim da escada, viu que os dois rapazes de antes haviam diminuído o passo e a esperavam no patamar. Seu coração começou a bater mais depressa.

– Posso ajudar você? – perguntou o mais alto, oferecendo o braço. Era bonito, ruivo, o rosto liso e rosado. Vestia terno completo com um sobretudo bege, e seus sapatos de couro, também bege, brilhavam. O outro era mais baixo e vestia-se de maneira quase idêntica, mas não tivera tanta sorte no quesito aparência.

– Não precisa – respondeu ela.

– Você pode escorregar – insistiu ele, enfiando o braço com força por baixo do dela. Eles agora bloqueavam metade da escada. Ela o observou por um momento e decidiu que talvez fosse mais fácil aceitar a ajuda.

– Obrigada – disse, cedendo o braço. O mais baixo quis pegar a frasqueira, mas ela negou com a cabeça e sorriu. O sal triturado sob seus pés fazia barulho enquanto desciam, e Marissa continuou prensada entre os dois. Eles fediam a cerveja e cigarro.

– Você é modelo? – perguntou o mais alto.

– Não.

– O que “M.L.” significa? – quis saber o outro, apontando para as letras impressas na frasqueira.

– São minhas iniciais.

– E qual é o seu nome?

– Eu sou Sid e este é Paul – emendou o mais alto. Paul abriu um sorriso, deixando à mostra os dentes grandes e amarelados. Chegaram ao final da escada, e ela os agradeceu, soltando o braço. – Quer tomar alguma coisa?

– Obrigada, mas estou indo pra casa – disse Marissa. Os dois continuavam bloqueando metade da escada, e um fluxo de pessoas passava por eles. Ficaram parados ali por um momento, esperando, analisando a situação.

– Vamos, é Natal – disse Sid. Marissa se afastou, deixando as pessoas passarem entre eles. – Podemos dar uma carona a você, então? – acrescentou ele, enfiando-se entre as pessoas para alcançá-la. Paul o

seguiu, tirando um rapaz do caminho com um empurrão. Seu olhar faiscava, parecendo, ao mesmo tempo, perdido e penetrante.

– Não, é sério. Preciso ir pra casa, mas obrigada, pessoal. Feliz Natal.

– Tem certeza? – insistiu Paul.

– Tenho, obrigada.

– Podemos tirar uma foto com você? – pediu Sid.

– O quê?

– Só uma selfie com a gente. Gostamos de garotas bonitas, e assim teremos algo pra olhar quando estivermos solitários na cama.

A forma como olhavam para ela fez Marissa pensar em lobos. Lobos famintos. Eles se inclinaram para perto, um de cada lado. Ela sentiu uma mão agarrar sua bunda quando Sid pegou o celular para tirar uma selfie, depois outra. Os dedos começaram a se movimentar entre as suas nádegas.

– Legal – disse ela, afastando-se. Eles mostraram a foto. Ela estava com os olhos arregalados, mas não demonstrava tanto medo quanto sentia por dentro.

– Você é muito gata – disse Sid. – Tem certeza de que não podemos convencê-la a tomar alguma coisa com a gente?

– Temos vodca, Malibu, vinho – disse Paul.

Marissa olhou para a passarela atrás de si e viu que alguns passageiros ainda atravessavam. Virando-se para eles novamente, forçou um sorriso.

– Desculpe, pessoal. Hoje não.

Ela olhou para uma das câmeras de segurança acima deles, envolta em uma cúpula de plástico. Os dois acompanharam seu olhar. Por fim, sacaram a indireta e foram embora.

– Essa vagabunda tá se achando – ouviu Paul dizer.

Ela recuou, aliviada, e observou enquanto os dois caminhavam até um carro estacionado junto ao meio-fio, evitando encará-los quando se viraram para trás. Ouviu risadas, portas batendo e, depois, o barulho do motor. Marissa só percebeu que estava prendendo a respiração quando o carro arrancou e saiu pela via de acesso da estação.

Ela soltou o ar e viu que os últimos passageiros estavam descendo a escada. Lá em cima havia um homem alto e bonito, de 50 e poucos anos, acompanhado da esposa, muito pálida.

– Merda – sussurrou, seguiu apressada até as máquinas de bilhetes e ficou encarando uma das telas.

– Marissa! Eu vi você! – berrou a mulher, sua voz embolada devido ao álcool. – Eu vi você, sua piranha! – As escadas rangeram quando ela se apressou na direção de Marissa.

– Jeanette! – chamou o homem.

– Nos deixe em paz! – gritou a mulher, levantando a mão para Marissa, mas parando antes de tocá-la. Seu dedo comprido balançava a centímetros do rosto da jovem. – Fique longe dele!

Seus olhos estavam raiados de sangue, o rosto, vermelho e inchado, e o batom escarlate havia manchado as rugas de fumante em volta da boca.

– Jeanette! – vociferou o homem, entredentes, alcançando-a e afastando-a. Embora o casal tivesse aproximadamente a mesma idade, ele tinha o rosto bonito, ainda que enrugado. Era um lembrete a Marissa de que o tempo podia ser mais gentil com os homens.

– Tento ao máximo não cruzar seu caminho, mas moramos na mesma rua. Não tem jeito – justificou Marissa, dando um sorriso doce.

– Você é uma vadia!

– Estava no pub, Jeanette?

– Estava – rosnou ela. – Com o *meu* marido.

– Você parece sóbrio, Don. Eu achava que era você quem precisava encher a cara pra aguentar a esposa.

Jeanette levantou a mão para estapear o rosto de Marissa, mas Don a segurou.

– Já chega. Por que não consegue ficar calada, Marissa? Está vendo que ela não está bem – disse ele.

– Não fale como se eu não estivesse aqui, caramba! – gritou Jeanette, com a voz embolada.

– Anda, vamos – disse ele, conduzindo-a como se fosse uma inválida.

– Prostituta de merda – murmurou Jeanette.

– Nunca pagaram pra fazer sexo comigo! – gritou Marissa. – Pergunte ao Don!

O homem olhou para trás com uma expressão de tristeza. Ela se perguntou se ele estava triste consigo mesmo ou com a esposa alcoólatra. Don ajudou Jeanette a chegar ao carro e a acomodou no banco do

passageiro. Assim que saíram, Marissa fechou os olhos e pensou nele. Lembrou-se de quando ele batia na porta dela tarde da noite, enquanto sua mãe estava dormindo, e os dois subiam às escondidas para o quarto. Lembrou-se da sensação do corpo quente dele contra sua pele enquanto faziam amor...

Quando abriu os olhos novamente, viu que o último passageiro já havia desaparecido pelas ruas e que ela estava sozinha. Nevava muito, os flocos iluminados pelo arco de luzes que circundava o saguão da estação. Marissa chegou à saída e virou à direita, na Foxberry Road. Árvores de Natal cintilavam nas janelas das casas, e o barulho de seus sapatos contra a neve quebrava o silêncio.

A rua terminava em uma curva fechada que dava para a Howson Road. Ela parou, hesitante. O caminho se estendia escuridão adentro. Vários postes estavam apagados, restando apenas dois para iluminar quase quinhentos metros de casas grudadas umas às outras nos dois lados da rua. Ela queria ter feito aquele trajeto com os outros passageiros do último trem; sempre havia pelo menos duas pessoas no mesmo percurso, o que dava mais segurança. Mas Jeanette e os dois asquerosos na estação haviam atrapalhado seus planos.

Marissa se apressou, deixando para trás becos sombrios e janelas escuras e vazias, perseguindo cada foco de luz. Sentiu alívio quando a Coniston Road emergiu da escuridão, uma rua muito iluminada graças à escola que havia ao final. Ela virou à esquerda e passou pelo parquinho antes de atravessar a rua e chegar ao portão de casa, que rangeu ao ser aberto. As janelas estavam todas escuras, e o pequeno jardim, banhado em sombras. Marissa já estava com as chaves na mão, prestes a colocar na fechadura, quando escutou um ruído atrás de si.

– Nossa! Você me assustou, Beaker – disse ela ao ver o corpo escuro e brilhante do gato sentado em cima da lixeira ao lado do portão. Ela se aproximou e o pegou no colo. – Vem cá. Está frio demais aqui fora. – Beaker ronronou e a olhou com seus intensos olhos verdes. Ela encostou o rosto em seu pelo quente. O gato se aninhou apenas por um breve momento, depois se contorceu em seus braços. – Tá bom, seu pacotinho de cocô. – Ele deu um salto, atravessou a cerca-viva em disparada e foi para o jardim vizinho.

Marissa levantou a mão para enfiar a chave na porta, mas escutou o portão ranger e congelou. Ouviu um ruído áspero, depois passos na neve. Ela se virou lentamente.

Uma pessoa de sobretudo preto estava de pé atrás dela, o rosto coberto por uma máscara de gás e uma touca de couro brilhante bem ajustada à cabeça. Duas grandes e inexpressivas órbitas de vidro a encaravam, e o filtro da máscara alongava o rosto para baixo até chegar ao peito. O sujeito usava luvas pretas e segurava uma faca fina e comprida na mão esquerda.

Marissa tateou ao redor da fechadura, tentando enfiar a chave, mas a pessoa correu em sua direção, agarrou seus ombros e a empurrou com força contra a porta. Ela viu um clarão prateado e, em seguida, seu sangue espirrando nas órbitas de vidro da máscara.

A frasqueira caiu no chão, e Marissa levou as mãos ao pescoço, só então sentindo a dor terrível do corte fundo em sua garganta. Tentou gritar, mas o que saiu foi apenas um gorgolejo, e sua boca encheu-se de sangue. Ela levantou as mãos quando a faca serpenteou para lhe dar mais um golpe, cortando-lhe dois dedos e o tecido do casaco até o antebraço. Ela não conseguia respirar e tentava puxar o ar, balbuciando e espirrando sangue. Seu oponente a agarrou pela nuca, arrastou-a até a entrada e bateu sua cabeça contra o pilar do portão. A dor explodiu em seu rosto, e ela ouviu um osso estalar.

Marissa arfava e engasgava, incapaz de encher de ar seus pulmões já inundados. Observava, quase apática, aquela estranha figura se esforçando para arrastá-la pelo terreno, afastando-a do portão até o meio do minúsculo jardim. O sujeito cambaleava e parecia prestes a cair, mas manteve o equilíbrio. Com as duas mãos, baixou a faca mais uma vez, golpeando a jovem na garganta e cortando-lhe o pescoço. Enquanto o sangue jorrava, manchando o manto de neve, e a vida deixava seu corpo, Marissa pensou ter reconhecido o rosto por trás dos grandes olhos de vidro da máscara de gás.

CAPÍTULO 2

O despertador da detetive inspetora-chefe Erika Foster tocou às 7h da manhã, e, das profundezas das cobertas, um braço magro e pálido emergiu e o desligou. O quarto estava escuro e gelado, a luz dos postes atravessando as persianas finas como papel – as quais Erika queria trocar desde que se mudara para o apartamento, mas ainda não havia tocado no assunto com o proprietário. Ela rolou para fora da cama, caminhou silenciosamente até o banheiro, tomou um banho e escovou os dentes.

Foi só depois de vestir a roupa e guardar na bolsa o telefone, a carteira e o distintivo que Erika se lembrou que era Natal e que tinha sido convidada para almoçar na casa do comandante Paul Marsh.

– Droga! – xingou ela, sentando-se na cama e passando a mão pelo cabelo louro curto. – Droga.

A maioria dos policiais enxergaria um convite para o almoço de Natal na casa do comandante e sua família como um sucesso. Mas, para Erika, sua relação com Marsh era... *complicada*.

A detetive havia acabado de encerrar um caso perturbador de um jovem casal que cometera uma série de assassinatos. O doentio jogo envolveu o sequestro das duas filhas pequenas de Marsh, e Marcie, sua esposa, tinha sido agredida durante a emboscada. Tudo isso levou a uma verdadeira caçada policial. Erika, que fora responsável pelo resgate das meninas, entendeu que Marsh e Marcie a haviam convidado como uma forma de agradecimento, mas ela só queria seguir em frente.

Erika se levantou, abriu o armário e ficou olhando o escasso cabideiro de roupas, em que quase todas as peças serviam para trabalhar. Depois de vasculhar as calças sociais pretas, os suéteres e as camisas brancas, tudo pendurado de forma organizada, desenterrou um vestido azul sem mangas. Virando-se para o espelho acima da penteadeira, suspendeu o cabide abaixo do queixo. Ela media 1,82m descalça. Tinha bochechas firmes e altas, grandes olhos verdes e o cabelo louro curto, arrepiado em tufo molhados.

– Nossa, estou magérrima – disse, moldando o vestido nas partes do corpo em que um dia existiram curvas. Ela olhou para a foto do falecido marido, Mark, na penteadeira. – Quem precisa dos Vigilantes do Peso? Ficar viúva faz maravilhas para a cintura... – A frieza da piada a chocou. – Desculpe – acrescentou.

Mark também tinha sido policial. Ele, Erika e Marsh fizeram o treinamento juntos, mas Mark havia sido morto há mais de dois anos, durante uma batida em busca de drogas. A foto do marido fora tirada na sala da casa que ele e Erika haviam compartilhado durante quinze anos, em Manchester. O sol penetrava pela janela, iluminando o cabelo escuro cortado à máquina e criando uma auréola dourada ao seu redor. Ele tinha o rosto bonito, além de um sorriso cordial e cativante.

– Não sei o que dizer a Marsh e Marcie... Só quero virar a página e seguir em frente, sem confusão.

Mark sorriu para ela.

– Acha que é mentira? Será que é tarde demais para dar uma desculpa?

Qual é, Erika, o sorriso dele parecia dizer, colabora.

– Você está certo, não posso cancelar... Feliz Natal. – Ela levou um dedo aos lábios e depois o pressionou contra o vidro do porta-retrato.

Erika foi até a pequena sala-cozinha, parcamente mobiliada com um sofá minúsculo, uma televisão e uma prateleira de livros meio vazia. Em cima do micro-ondas, havia uma minúscula árvore de Natal de plástico. No passado, o enfeite costumava ficar em cima da TV, mas, com o advento da tela plana, o topo do micro-ondas era o único lugar em que ele podia ficar sem parecer ridículo. Ela ligou a cafeteira e abriu as cortinas. O estacionamento e o restante da rua haviam desaparecido sob um grosso tapete de neve, que refletia a luz alaranjada dos postes. Não havia pessoas nem carros, e ela se sentiu sozinha no mundo. Uma rajada de vento soprou rente ao chão, arrastando uma poeira de neve que se juntaria ao monte empilhado junto ao muro do estacionamento.

O telefone fixo tocou enquanto Erika servia o café. Ela atravessou o corredor às pressas para atendê-lo, na esperança de que, por um milagre, o almoço estivesse cancelado.

Era o pai de Mark, Edward.

– Eu acordei você, minha querida? – perguntou ele, com seu cordial sotaque de Yorkshire.

– Não, eu já estava acordada. Feliz Natal.

– Feliz Natal pra você também. Está frio aí em Londres?

– Nevando – respondeu ela. – Na altura do tornozelo, o que é suficiente pra virar notícia.

– Aqui, a neve já subiu mais de um metro. E lá em Beverley ainda mais. – A voz dele soava fraca e tensa.

– E vocês estão se mantendo aquecidos?

– Estamos, querida. A lareira faz com que eu me sinta elegante, então vou mantê-la acesa o dia todo... É uma pena que a gente não vai se ver.

Erika sentiu uma pontada de culpa.

– Vou aparecer aí no Ano-novo. Tenho uns dias de férias pra tirar.

– Colocaram você pra trabalhar hoje?

– Hoje não. Fui convidada pra almoçar na casa do Paul Marsh com a família dele... Depois de tudo o que aconteceu, não pude recusar.

– Quem é esse, meu bem?

– Paul. Paul Marsh...

Houve um silêncio do outro lado da linha.

– Sim, claro! O jovem Paul. Ele conseguiu vender aquele Ford Cortina?

– O quê?

– Duvido que consiga muito por aquele carro. É uma lata velha. Dá pra atravessar a ferrugem com o dedo.

– Edward, do que você está falando? – perguntou Erika. Marsh havia tido um Ford Cortina vermelho no início dos anos 1990.

– Minha nossa! Que idiota eu sou... Não dormi muito bem essa noite. Como estão as coisas com ele, depois do que aconteceu?

Erika não sabia o que dizer. Torcia o fio do telefone nos dedos. Apesar dos quase 80 anos, Edward sempre fora extremamente lúcido e antenado.

– Tem muito pouco tempo. Não os vejo desde então.

Ela escutou a chaleira apitar ao fundo.

– Diga que desejo tudo de bom pra eles, tá bem?

– É claro.

– Vou desligar, minha querida. Preciso do meu chazinho da manhã pra despertar. E abrir meus presentes. Se cuida, e feliz Natal.

– Edward, tem certeza de que está tudo bem? – ela perguntou, mas ele já tinha desligado.

Erika encarou o telefone por um momento, depois foi à janela. A mansão vitoriana em frente era grande e ornamentada – e, como o restante das casas da rua, tinha sido transformada em um prédio residencial. Havia várias luzes acesas, e em uma das janelas ela viu um casal com duas crianças pequenas abrindo os presentes ao redor de uma grande árvore de Natal. Uma mulher com um grosso casaco passou caminhando com dificuldade pela calçada, de cabeça baixa por causa da neve, puxando um cachorrinho pela coleira. A detetive voltou ao telefone e o tirou do gancho, mas acabou colocando-o de volta no lugar.

Erika se arrumou e saiu do apartamento pouco antes das 11h. A neve caía pesadamente, deixando o dia modorrento, com todas as lojas fechadas. Ela viu algumas crianças brincando no quintal, fazendo guerra de bolas de neve.

Quando passou dirigindo pelas lojas próximas à estação de trem Crofton Park, o trânsito começou a ficar mais congestionado e lento, até parar de vez. Os limpadores de para-brisa do carro rangiam ao passar por cima da neve seca. Mais adiante, Erika pôde ver as sirenes azuis da polícia. Isso a animou um pouco, mudando seu foco para o trabalho. O trânsito se arrastava, e, à esquerda da Crofton Park School, uma das ruas estava bloqueada por duas viaturas e uma fita de isolamento. O detetive John McGorry conversava com dois policiais perto da fita esvoaçante. Quando chegou perto deles, Erika buzinou, e os dois se viraram.

– O que está acontecendo? – gritou, abaixando o vidro. Uma lufada de neve entrou pela janela, mas ela não ligou.

McGorry suspendeu a lapela de seu comprido casaco e se aproximou, apressado. Era um jovem bonito de 20 e poucos anos, cabelo escuro e uma franja desleixada que lhe caía sobre o rosto. Tinha a pele macia e clara e as bochechas rosadas de frio. Quando chegou à janela, jogou o cabelo para trás com a mão enluvada.

– Feliz Natal, chefe. Está indo a alguma festa? – perguntou ele, notando que ela estava maquiada e de brinco.

– Um almoço... O que está acontecendo?

– Encontraram o corpo de uma moça esfaqueada na porta de casa. Quem fez isso a atacou feito louco, tem sangue por todo lado – informou McGorry, mexendo no cabelo. O trânsito começou a andar, e ele voltou para a calçada, esperando que Erika arrancasse. – Bom almoço pra você, chefe. Queria já estar de folga. Você pega serviço amanhã?

– Quem é o detetive inspetor de plantão?

– Peter Farley, mas ele está atendendo um caso de esfaqueamento triplo em Catford. Parece que as pessoas não param de matar só porque é Natal.

O carro à frente avançou, e uma van atrás buzinou. Erika pensou no quanto uma cena de assassinato brutal era mais convidativa do que um almoço de Natal com Marsh. A van buzinou de novo. Ela engatou a marcha e subiu com o carro na calçada, fazendo McGorry dar um salto para trás. Pegou o distintivo, o casaco, e desceu do carro.

– Me mostre a cena do crime.

CAPÍTULO 3

Erika mostrou o distintivo e passou com McGorry por baixo da fita de isolamento da polícia. Eles caminharam pela rua, pelas casas decadentes de onde os vizinhos observavam das portas, usando diferentes estilos de roupa matinal, encarando boquiabertos a fita de isolamento no final da rua e esticando o pescoço para os guardas aglomerados na outra área interditada.

Erika pelejava para acompanhar o passo de McGorry, descobrindo que o salto alto que tinha colocado para o almoço de Natal não aderiria à calçada coberta de gelo. Desejou que o clima estivesse mais quente para que pudesse tirar o sapato e ir descalça.

– É o pior dia para fechar a rua. Já tivemos que mandar voltar quem estava vindo visitar parentes... – Ele olhou para trás, e viu Erika se apoiando num muro pelo caminho, escolhendo cuidadosamente onde pisar.

– O que foi? – perguntou ela ao alcançá-lo, notando que McGorry a observava.

– Nada. Você está de salto – comentou ele.

– Bom trabalho, detetive.

– Não, você está linda! Quer dizer, elegante, muito bem...

Erika o olhou de cara fechada e continuou andando, mas escorregou. McGorry a amparou antes que caísse.

– Quer segurar no meu braço? – ofereceu ele. – A casa é um pouco mais ao final da rua.

– Querer eu não quero, mas pode ser mais rápido. E o que eu não quero mesmo é me estatelar no chão na frente dos guardas.

Ela agarrou o braço dele, e os dois seguiram a passos lentos.

– Usei salto uma vez – disse McGorry.

– Sério?

– Um *stiletto* de quinze centímetros. Quando estava em Hendon, fizemos uma apresentação beneficente no Natal. Interpretei Lady Bracknell em *A importância de ser prudente*.

Apesar da irritação, Erika sorriu enquanto escolhia onde pisar.

– Um *stiletto* de quinze centímetros? Lady Bracknell não deveria ser uma senhora vitoriana, sisuda e enfadonha?

– Calço 44. Foi o único sapato que me serviu – justificou ele, apontando para os pés enormes.

– Quanto arrecadaram para a caridade?

– Quatrocentos e setenta e três libras e cinquenta centavos...

– Vai lá, então, me mostre um pouco da Lady Bracknell – pediu Erika.

– *Uma bolsa?* – disse ele, simulando o vibrato de uma idosa da classe alta.

Erika sacudiu a cabeça e sorriu:

– Ainda bem que não desistiu do seu emprego aqui.

Ela soltou o braço dele quando chegaram à segunda fita de isolamento, que esvoaçava diante das casas geminadas quase no fim da rua. Um muro baixo e uma cerca-viva alta, coberta de neve, obscureciam o jardim, e pelo portão aberto era possível ver a equipe de peritos com seus macacões azuis de proteção. O guarda de prontidão junto à fita olhou o distintivo de Erika.

– Já chamamos um detetive inspetor. Está atrasado por causa de um esfaqueamento triplo em Cat... – começou ele.

– Bom, ele não está aqui, e eu estou – disse Erika.

O policial assentiu com a cabeça e levantou a fita. Erika e McGorry foram até a van da perícia estacionada sobre a calçada. Outro guarda, uma mulher de meia-idade com *piercing* no nariz e cabelo grisalho cortado à máquina, entregou um macacão de proteção a cada um. Eles tiraram os casacos e os colocaram em cima da van.

– Caramba, que frio dos infernos – reclamou McGorry, vestindo depressa o macacão por cima do uniforme fino.

– Chegou a fazer 12 graus negativos ontem à noite – comentou a policial.

Erika encostou na van, equilibrando-se em um dos pés, e vestiu o macacão de proteção, mas o salto esquerdo agarrou e rasgou a perna quando ela o puxou para cima.

– Porcaria!

– Vou descartar esse. Toma outro – disse a policial, entregando-lhe um novo. Erika tornou a vestir, mas a mesma coisa aconteceu outra vez. – Você não devia estar de salto, principalmente em um dia como hoje – comentou ela.

Erika olhou firme para a policial, e McGorry desviou o olhar educadamente enquanto a chefe vestia o terceiro macacão, finalmente conseguindo passá-lo por cima do salto. Ela fechou o zíper, e os dois puseram o capuz. Protegeram os sapatos, o que Erika também teve dificuldade de fazer, mas uma vez prontos, seguiram até o portão de entrada e entraram no minúsculo e apertado jardim.

Isaac Strong, o patologista forense, estava no local com dois assistentes. Era um homem alto e magro, de 40 e poucos anos. Um topete castanho escuro, formado pelas entradas em sua testa, aparecia por baixo do capuz do macacão. Tinha sobrancelhas longas e finas, o que lhe dava um constante ar de perplexidade.

Embaixo da janela, caído de costas e respingado de sangue, estava o corpo de uma jovem. Seu comprido casaco preto estava aberto. A temperatura baixíssima durante a noite havia congelado o sangue derramado e o deixado com a aparência de uma raspadinha de frutas vermelhas. Sua garganta tinha sido cortada, e ali havia a maior concentração de sangue, que se estendia e empoçava sob o corpo. O sangue havia impregnado seu fino vestido verde sem alças, escorrido para a perna esquerda, revelando uma meia-calça preta e cintas-ligas, e coberto a janela e o peitoral com um leve respingo congelado.

– Bom dia, feliz Natal – disse Isaac, acenando com a cabeça na direção deles. O cumprimento pareceu estranhamente inadequado em meio à cena.

Erika olhou novamente para a garota. O rosto estava figurativa e literalmente congelado de medo, os lábios repuxados para trás e um dos dentes da frente quebrado perto da gengiva. Os olhos, embora anuviados, eram violeta e de uma beleza arrebatadora, mesmo sem vida.

– Já sabemos quem é? – perguntou Erika.

– Marissa Lewis, 22 anos – respondeu Isaac.

– É a identificação formal?

– A mãe encontrou o corpo hoje de manhã, e tem uma carteira de motorista na bolsa.

Erika se agachou e olhou mais de perto. Uma frásqueira quadrada com as iniciais “M.L.” estava semienterrada na neve junto à cerca-viva, e ao lado havia um sapato preto de salto. Ambos marcados com números de plástico.

– Alguém encostou no corpo?

– Não – respondeu McGorry. – Eu e um guarda fomos os primeiros a chegar ao local. A mãe a encontrou e disse que não encostou em nada.

– Tem o horário da morte?

– O frio extremo dificulta esse cálculo – disse Isaac. – A garganta foi cortada com uma lâmina bastante afiada, resultando em cortes profundos que romperam as carótidas nos dois lados do pescoço. Dá pra ver que ela perdeu sangue muito rápido, o que deve ter provocado uma morte quase instantânea. O dedo indicador da mão direita está quase decepado, e há lacerações no polegar, no dedo do meio e nos braços, o que indica que ela levantou as mãos para se defender.

– Não há outro caminho para sair do jardim a não ser pelo portão de entrada ou pela porta da casa – acrescentou McGorry. Erika viu que tanto na janela quanto na porta da casa havia um respingo de sangue sobre a pintura azul desbotada.

– Essas chaves são dela? – perguntou a inspetora ao ver um chaveiro em forma de coração.

– Sim – confirmou McGorry.

Erika fechou os olhos por um momento, imaginando a sensação de ser dominada por um maníaco com uma faca naquele espaço cercado. Ela abriu os olhos e fitou o rosto de Marissa.

– O nariz está quebrado.

– Está. E a bochecha esquerda também. Além disso, encontramos o dente da frente preso no pilar do portão – informou Isaac.

Os dois viraram-se para olhar o pilar onde havia uma plaquinha numerada. Montes de neve se acumulavam na alvenaria. Ao lado, uma lixeira com rodinhas e uma de recicláveis lotada de garrafas de vodca vazias. Erika virou-se para trás e observou a casa. As cortinas estavam fechadas, e não havia luzes acesas.

– Cadê a mãe?

– Na casa do vizinho – respondeu McGorry, apontando para uma residência na diagonal, do outro lado da rua.

– E temos certeza de que a vítima mora aqui? Não estava apenas vindo visitar a mãe no Natal?

– Precisamos confirmar.

– Teremos dificuldade em transportá-la – afirmou um dos assistentes de Isaac, que tinha terminado de limpar a neve das pernas respingadas de sangue.

– Por quê? – indagou Erika.

Ele levantou a cabeça. Era um homem pequeno, de olhos castanhos grandes e incisivos. Ele apontou para a enorme poça de sangue espalhada embaixo do corpo.

– O sangue. Ela congelou e está presa no solo.

CAPÍTULO 4

Isaac acompanhou Erika até o portão e olhou para o céu, onde uma nuvem pendia baixa e cinza.

– Preciso tirar a garota daqui antes que o tempo vire. Vem mais neve por aí – informou ele.

Ela olhou novamente em direção ao corpo, onde os assistentes de Isaac trabalhavam cuidadosamente para desenterrá-lo do solo coberto de sangue congelado. Erika sentiu a mesma pontada de horror e entusiasmo que sempre experimentava na cena de um assassinato. Mesmo com tantas coisas fora de controle em sua vida, ela ainda tinha o poder de encontrar quem quer que tivesse feito aquilo. E assim o faria.

– Quando você acha que pode fazer a autópsia?

Isaac estufou as bochechas e falou:

– Daqui uns dois dias. Desculpe, estou sobrecarregado. Essa época do ano é tumultuada, cheia de mortes suspeitas. E eu te contei? Fui transferido. Saí do necrotério, estou no Lewisham Hospital.

– Desde quando?

– Desde que o necrotério em Penge foi vendido para uma empreiteira. Algumas semanas atrás, colocaram uma placa grandona lá escrito “Parkside Peninsula Apartments”. Nos mudamos semana passada, e isso está atrasando tudo.

– Parkside Peninsula Apartments, Penge... – repetiu Erika, levantando uma sobrancelha. Isaac reagiu com o mesmo gesto.

– Ah, e tem mais uma coisa – disse ele. – O rastro de sangue. Quem fez isso estaria todo ensanguentado e carregando uma arma, mas o rastro de sangue para abruptamente no portão.

– Você acha que a faca foi limpa? Ou que havia um veículo a postos? – perguntou Erika.

– Isso cabe a você descobrir. Te mantereí informada sobre a autópsia – respondeu Isaac, entrando novamente pelo portão do jardim.

Erika e McGorry devolveram os macacões e passaram por baixo da fita de isolamento para chegar à rua, abotoando os casacos para se

protegerem do frio. Uma grande van da polícia havia acabado de chegar e tentava estacionar junto ao meio-fio. Uma das viaturas arrancou para abrir espaço e ficou presa na neve, cantando os pneus ao tentar sair.

– Então, estamos procurando uma pessoa que provavelmente tinha um carro – começou Erika. – Ela entrou no veículo e foi embora. Mas para onde? – Erika olhou para os dois lados da rua. A casa ficava no final de uma série de construções geminadas, e havia um beco na lateral. Os quintais na Howson Road, paralela à Coniston Road, davam vista para ele. – Quero que batam de porta em porta o mais rápido possível. Deve ter muita gente em casa para o Natal. Quero saber se alguém viu alguma coisa, e preciso de detalhes dos possíveis suspeitos: criminosos violentos, qualquer um com condenações antigas ou recentes.

Dois guardas tinham chegado para ajudar a empurrar a viatura. O motor rugia, e as rodas patinavam.

– No final da próxima rua tem uma ponte ferroviária que leva ao Fitzwilliam Estate – disse McGorry.

Erika acenou com a cabeça.

– Vale a pena incluir no nosso roteiro de investigações, mas quem for lá precisa pegar leve. – Ela sabia que o Fitzwilliam Estate, como muitos conjuntos habitacionais formados por prédios altos em áreas pobres, era conhecido pelos problemas. Olhou para os becos compridos que se estendiam dos dois lados das casas geminadas. – E precisamos conferir se o portão de algum jardim dá nesses becos...

Eles se afastaram quando a viatura se soltou da neve. Passou em disparada, entrou à direita no final da rua e estacionou do outro lado, em frente à escola. A van de apoio parou na vaga junto ao meio-fio e desligou o motor. No repentino silêncio, ouviu-se o clique do obturador de uma câmera. Erika virou-se para McGorry.

– Ouvia isso? – murmurou ela. Ele confirmou com a cabeça.

Os dois levantaram o olhar na direção das janelas em volta, mas não conseguiram ver nada. Um farfalhar ressoou bem atrás. Erika virou-se e encarou os galhos de um carvalho alto do outro lado da rua, perto da grade do parquinho da escola. Um homem que aparentava uns 20 e poucos anos se esgueirava pelos galhos. Ele pisou na grade do parquinho e saltou para o beco. Tinha a aparência desleixada, o cabelo louro

comprido e uma câmara de lentes grandes pendurada no pescoço. Olhou para Erika e McGorry, depois saiu correndo pelo beco nevado.

– Ei! Parado! – gritou Erika.

McGorry partiu atrás dele pelo beco, e Erika foi atrás. O jovem usava um casaco comprido que esvoaçava enquanto corria. Ele pulou sobre a tampa de uma lata de lixo e arqueou-se por cima de um muro cercado por árvores altas. McGorry chegou à lixeira segundos depois, puxou o casaco para cima e aprumou o corpo meio trêmulo. Erika, que tropeçava desequilibrada, alcançou o policial quando ele se preparava para subir no muro pelo galho de uma das grossas cercas-vivas cobertas de neve.

– O que tem do lado de lá...? – perguntou ele ao pular, caindo do outro lado com um baque surdo e um grito. Os galhos acima do muro balançaram, soltando a neve, depois pararam de se mexer. Erika escutou mais gritos e instintivamente levou a mão ao rádio no bolso, mas não o encontrou. Olhou de volta para o beco, mas a rua da cena do crime parecia bem distante.

– Caramba, se ele tiver quebrado alguma coisa... – murmurou ela, pensando no monte de documentos que teria de providenciar. Afastando os sentimentos de culpa, tirou os saltos e os enfiou nos bolsos do casaco antes de subir na lixeira. A tampa de plástico amassou e envervou sob seu peso. Ela apoiou a perna no muro de tijolos e agarrou um galho da cerca-viva para se equilibrar, derrubando mais neve. O outro lado era mais alto, e Erika caiu em uma parte fofa do solo, numa pilha de folhas entre o muro e a densa fileira de árvores. Ela calçou novamente os sapatos, desvencilhou-se das árvores e entrou em um grande quintal coberto de neve. A trilha, coberta pelo rastro de dois pares de pegadas, levava a dois grandes celeiros e uma estufa ligada a um longo túnel de polietileno. As paredes altas do quintal abafavam os sons do trânsito nos arredores.

McGorry se movia lentamente em direção aos celeiros. Virou-se para Erika e pôs um dedo nos lábios, apontando para o segundo celeiro, o mais perto da casa. Ela confirmou com a cabeça. A casa era grande e deteriorada. As janelas, do tipo guilhotina, estavam imundas, e a pintura, descascando. Havia um portão alto no canto, bloqueado por lixeiras transbordantes, além de uma varandinha telhada nos fundos da casa. Os

degraus que levavam ao quintal estavam todos cobertos com vasos de plantas.

Quando Erika finalmente alcançou McGorry, uma cacofonia de badaladas de relógios veio de dentro da casa. O rapaz louro saiu de trás do celeiro e correu de novo para o muro. McGorry foi mais rápido e o derrubou no chão. Erika correu na direção deles, mas perdeu um dos sapatos e caiu de costas na neve.

– Calma aí! – gritou McGorry enquanto o rapaz se debatia, dando socos no ar e acertando um na cara do detetive.

– Sai de cima de mim! – berrou o rapaz. Era magro e forte, tinha o rosto fino e selvagem, e olhos azul-claros um pouco afastados demais.

Erika se levantou, perdendo o outro sapato na neve. McGorry se revirava no chão para conter o rapaz, que debatia pernas e braços até finalmente conseguir enfiar o rosto do detetive na neve. Agora era McGorry que agitava os braços, e, tentando se agarrar a alguma coisa, conseguiu pegar a correia da câmera e apertá-la no pescoço do rapaz, que soltou o detetive para tentar desvencilhar seu pescoço.

– Se afasta! – gritou uma voz. – Solta ele!

Uma senhora corpulenta segurando uma escopeta havia aparecido no topo da escada da varanda. O cabelo grisalho pendia abaixo dos ombros, e seus óculos enormes agigantavam-lhe os olhos. Ela mirou a arma e atravessou a neve na direção dos dois.

Erika levantou as mãos. Os olhos da mulher estavam ensandecidos, e Erika achou que a situação exigia um alerta vermelho. McGorry tossia e cuspiam neve, ainda segurando a correia com força. O jovem arranhava freneticamente a garganta.

– John, solte ele! – gritou Erika. McGorry obedeceu, e o rapaz caiu de costas, tossindo. – Sou a detetive inspetora-chefe Erika Foster, da Polícia Metropolitana de Londres, e esse é o detetive John McGorry. Podemos mostrar os distintivos, mas você precisa abaixar a arma... Agora!

A mulher olhava ansiosa de Erika para McGorry, mas não abaixou a arma.

– Vocês estão agredindo o *meu* filho e invadindo a *minha* propriedade!

– Somos da polícia, e o seu filho invadiu a cena de um crime – informou Erika. Ela se perguntava do que aquela mulher era capaz.

– Joseph! Sai daí e vem pra cá! – esganiçou a mulher, ainda apontando a arma para eles. Joseph se aproximou dela tossindo e cambaleando, com o casaco coberto de neve.

– Elspeth! – gritou outra voz. Um idoso apareceu, saindo pela porta de trás. Tinha jeito de professor universitário, com um visual extravagante que combinava uma capa azul comprida com um gorro surrado salpicado de lantejoulas. Na cabeça, havia uma lente de aumento presa com uma faixa, o que fazia seu olho parecer enorme. – Elspeth, abaixa isso de uma vez!

– Senhor, somos policiais. Podemos mostrar nossa identificação – disse Erika, o coração começando a acelerar. Sentia-se incompetente por ter se descuidado àquele ponto, e sabia que não estava usando sapatos. Sentiu os pés dormentes por causa do frio. O homem tirou delicadamente a escopeta das mãos de Elspeth e abriu o cano.

– Não está carregada – disse ele, apoiando-a no ombro como fazem os guardas-florestais. – E temos porte de arma.

– Meu menino, meu menino! – disse Elspeth, agarrando Joseph nos braços enquanto verificava seu corpo, passando-lhe as mãos no pescoço e olhando-o nos olhos. – Eles te machucaram? Você está bem?

O rapaz parecia um pouco atordoado e em estado de choque.

– Por que essa arma estava tão à mão? – perguntou Erika. McGorry se ajoelhou, sem ar, cuspiendo neve.

– Entrem, policiais. Podemos conversar enquanto vocês se secam – disse o homem.

CAPÍTULO 5

Erika e McGorry bateram os pés na entrada da varanda e sacudiram os casacos para tirar a neve. Em seguida, foram conduzidos a uma cozinha quente e aconchegante. Elspeth cuidava de Joseph como se fosse um garotinho, guiando-o a uma cadeira da comprida mesa de madeira. McGorry se aproximou da lareira acesa em um dos cantos. A cozinha tinha uma decoração de fazenda, armários com gavetas e prateleiras, e um grande fogão Aga verde, de onde saía um delicioso cheiro de peru assado que preenchia todo o cômodo.

– Já tem um vergão aparecendo! – exclamou Elspeth, inclinando a cabeça de Joseph para o lado. Ele continuava segurando a câmera e olhando para Erika e McGorry com a cara fechada.

– Sentem-se, detetives – disse o homem, puxando mais cadeiras para perto da mesa.

– Posso ver seu porte de arma? – perguntou Erika, ignorando a cadeira.

– Claro! – respondeu ele, apoiando a escopeta ao lado da lareira e abrindo uma gaveta do armário.

– A arma tem registro – insistiu Elspeth, ajudando Joseph a tirar o casaco molhado e colocando uma toalha em seus ombros. Erika percebeu que ele não largava a câmera nem mesmo enquanto a mãe tentava tirar seus braços do casaco.

– Qual é o seu nome completo?

– Nosso sobrenome é Pitkin. Sou David, esses são Elspeth e Joseph. Imagino que você não esperava estar de serviço hoje, certo? – comentou ele, tirando os olhos da gaveta e apontando para os sapatos ensopados de Erika.

– Não.

– Estava indo a algum lugar bacana?

Erika se deu conta de que ainda precisava avisar Marsh que não iria ao almoço. Ela ignorou a pergunta e afastou aquele pensamento.

– Com o que você trabalha?

– Sou relojoeiro – respondeu David, dando um tapinha na lupa presa à cabeça com uma tira de couro. – Conserto todo tipo de relógio, de punho e de parede. Mas, para ser honesto, faço isso mais como um hobby desde que me aposentei do Direito. Ah, aqui está – disse ele, estendendo um papel dobrado.

– Você foi advogado? – perguntou Erika, sentindo o coração apertar.

– Fui. Durante trinta anos.

Erika pegou o documento e examinou as informações.

– Essa arma é da Elspeth, eu tenho a minha. Gostamos de atirar. É um hobby, é claro.

– Parece que está tudo em ordem – disse Erika, devolvendo o documento. – Mas se é um hobby, por que a arma fica tão acessível?

Elspeth, que examinava o pescoço de Joseph, levantou o rosto.

– Ela fica em um armário trancado no escritório, lá nos fundos! Eu vi você no quintal, andando devagarzinho. Essa região não é mais tão tranquila quanto antigamente. Há bandidos e traficantes por todos os lados... Olha o que você fez com ele! Vai ficar um hematoma horrível.

– Também devo lembrá-la, inspetora Foster, da lei britânica sobre legítima defesa, que defende o uso de força razoável – disse David.

– Ela aponta uma escopeta de dois canos, em plena luz do dia, pra qualquer pessoa que surge no quintal? Me parece um pouco exagerado – comentou Erika.

– Com licença, mas não serei desrespeitada na minha própria casa – interrompeu Elspeth. – Eu ia oferecer bolo de nozes e café pra mostrar que não guardo rancor, mas agora desisti.

McGorry virou o rosto para disfarçar o riso, mas Erika não achou a situação engraçada. O que ela queria era pôr as mãos na câmera que Joseph continuava a segurar com força e voltar para a cena do crime.

– Um tribunal geralmente levaria em consideração o fato de que ser ameaçado dentro da própria casa é amedrontador – argumentou David.

– De acordo com a lei, as pessoas devem ter o direito de defender a si mesmas, suas posses e aqueles por quem são responsáveis...

– Em momento algum a vida do seu filho ou da sua esposa esteve em perigo – interrompeu McGorry.

– Sério? Qual é o seu nome, meu jovem?

– John McGorry. Detetive.

– Detetive John McGorry, por que tentou cometer o crime de enforcamento contra meu filho?

– Eu não estava...

– Por favor, não minta. Você estava imobilizando meu filho pelo pescoço com a correia da câmara. É crime estrangular suspeitos ou cidadãos comuns. Muito antigamente, a polícia treinava táticas de estrangulamento, mas acredito que você seja um pouco jovem e inexperiente...

– Eu só estava... – começou McGorry, irritado, com as bochechas corando. Erika o encarou para que ficasse calado.

– Sua superior deveria saber disso também – acrescentou David.

– Eu sei muito bem disso – falou Erika. – Também sei que, quando um policial faz uso de enforcamento, deve apresentar uma justificativa com base nas circunstâncias. Seu filho estava tentando sufocar o detetive, empurrando o rosto dele contra a neve. Um estrangulamento em legítima defesa é um argumento bastante razoável aqui. Dê uma conferida na internet, isso está detalhado na lei de liberdade de informação da polícia de West Mercia.

David não conseguiu esconder a irritação.

– Isso ainda não explica por que estavam perseguindo meu filho.

– Seu filho estava invadindo a cena de um crime.

– O que não é nenhum delito – disse David.

– Ele estava tirando fotos da cena do crime...

– Novamente, não é delito.

Erika puxou o ar e abriu um sorrisinho.

– Ele estava fugindo de um policial.

– Sim, e agora estamos todos aqui e vamos cooperar, dentro do razoável.

– A câmara do seu filho pode conter informações úteis para a nossa investigação – disse Erika. Sentia-se uma idiota por tê-lo perseguido e precisar, agora, defender a si e McGorry para aquele advogado aposentado que ameaçava sair ganhando.

– Onde é a cena do crime? – perguntou David.

– Não posso revelar.

– Acharam um corpo na Coniston Road – disse Joseph. Sua voz era suave e refinada, sem nenhum sotaque.

– Você achou um corpo? – perguntou Elspeth, ainda passando a toalha nos cabelos do filho.

– Não, mãe – respondeu ele, afastando-a com um tapinha no braço.

– A polícia encontrou o corpo.

– Não temos autorização para falar de um caso de assassinato em andamento – disse McGorry.

– Vocês acreditam que seja assassinato? – questionou David.

– Assassinato? – repetiu Elspeth.

– Foi Marissa Lewis. Alguém a esfaqueou na porta de casa – contou Joseph.

– Isso é especulação... – interveio Erika.

– Não. Eu estava lá quando descobriram o corpo. – Joseph puxou a câmera para o colo, protegendo-a.

– Você chamou a polícia? – perguntou Erika.

– Não estava com meu telefone.

– Mas você tirou fotos da cena do crime antes de a polícia chegar?

– Você não tem que responder, Joseph. Nós compramos lentes novas para a câmera dele, foi presente de Natal – disse David.

– Se havia alguém aqui para se dar mal, esse alguém era Marissa – disse Elspeth, balançando a cabeça.

– Minha esposa também está especulando – disse David. – O que não é crime, é? – A calma dele era enfurecedora, e Erika precisou respirar fundo.

– É claro que não é crime, mas você poderia, quer dizer, a senhora poderia explicar?

Elspeth estendeu a toalha no encosto de uma cadeira, fez o sinal da cruz e virou-se para Erika.

– Marissa Lewis tem... *tinha*... certa reputação, se é que me entende... De moça promíscua. Ela trabalhava como *stripper*.

– Você a viu no trabalho? – perguntou McGorry.

– É claro que eu não a vi no trabalho. Nenhum de nós viu! – Elspeth olhou para David e Joseph, que concordaram e baixaram os olhos. – Minha cabeleireira me contou.

Erika percorreu o olhar pelos cabelos grisalhos e oleosos de Elspeth, soltos por cima dos ombros, e perguntou-se o que exatamente uma cabeleireira teria feito ali.

– Quem é a sua cabeleireira?

– A melhor amiga de Marissa Lewis, Sharon-Louise Braithwaite. Trabalha no Goldilocks Hair Studio, perto da estação Crofton Park. Marissa pediu a Sharon para colocar um pôster de uma de suas... *performances* no salão. Era uma foto dela só de meia-calça, cinta-liga e sutiã! – Elspeth balançou a cabeça ao lembrar. – Sharon também me contou que Marissa tinha um caso com um homem casado que morava a duas casas da dela, e que saía com vários sujeitos que conhecia no trabalho.

– Você sabe o nome desse homem casado?

– Don Walpole. Sua esposa é Jeanette. Eles continuam juntos, apesar de tudo.

Erika voltou-se novamente para Joseph.

– Então, você estava na árvore em frente à casa de Marissa hoje de manhã tirando fotos? O que fotografou?

– O nascer do Sol – respondeu ele, com um sorriso sedutor.

– Você subiu na árvore para fotografar o nascer do Sol, mas continuou lá depois que viu um cadáver no jardim à sua frente, mesmo com a rua fechada pela polícia?

– Só vi o corpo quando escutei o grito da mãe de Marissa.

– Que horas isso aconteceu?

– Sei lá.

– Abrimos os presentes de Natal às 6h50 – informou David. – Tomamos café, Joseph saiu lá pelas 7h20. O Sol nasceu às 8h05 esta manhã.

– Tinha acabado de clarear, então foi mais ou menos nesse horário que a mãe de Marissa saiu de casa – disse Joseph. – Não uso relógio.

– Você sabe por que a mãe de Marissa foi à porta?

– Não.

– Provavelmente tinha mais garrafas para colocar na lixeira. Ela bebe muito – fofocou Elspeth. – A vizinhança não é das melhores.

– Com a neve, o céu esteve muito nublado nos últimos dias. Por que achou que conseguiria ver o Sol nascer? – perguntou McGorry.

– Se todos os fotógrafos pensassem assim, nunca tirariam fotos – retrucou Joseph.

– Você é fotógrafo profissional?

– O conceito de “profissional” é muito relativo. Você diria que é um policial profissional? Agiu profissionalmente quando me imobilizou com um estrangulamento?

– Escuta aqui seu merdin... – disparou McGorry, dando um passo na direção dele. Erika suspendeu a mão.

– Joseph, pare de desperdiçar tempo e responda às perguntas.

– Ele não tem que responder pergunta nenhuma! – exclamou Elspeth.

– Uma jovem foi brutalmente assassinada na porta de casa. Ela deveria estar com a família hoje, mas, em vez disso, seu corpo está na neve com a garganta esfaqueada. Os ossos do rosto foram quebrados, e talvez ela tenha sido violentada sexualmente – disse Erika. – Joseph não tem que responder a nenhuma das minhas perguntas, mas ele pode ter informações que vão ajudar na investigação.

Joseph, pela primeira vez, ficou sem graça e se remexeu na cadeira.

– Ok, eu fiquei olhando um pouquinho, mas a polícia chegou muito rápido. Depois, a rua foi fechada. Eu não sabia o que fazer. Quando subi na árvore, o lugar não era a cena de um crime, mas quando descii, já era.

– Você fotografou o corpo?

– Não.

– Posso ver as fotos na sua câmera?

– Não, é uma câmera analógica – respondeu ele, segurando-a.

Erika se aproximou e viu que era um modelo *vintage*, sem tela digital. Quando avançou para pegá-la, Joseph a virou imediatamente, abriu a parte de trás e arrancou o filme, jogando o negativo na mesa.

– Pronto. Nada mais para revelar. Já era.

Erika o encarou. Joseph tinha uma expressão estranha, ao mesmo tempo vulnerável e dura. Ele a encarava de volta, confiante.

– Acho que cooperamos mais do que o necessário, detetives – concluiu David. – Agora, se nos dão licença, gostaríamos de prosseguir com as comemorações de Natal.

Erika e McGorry saíram pela porta da frente. Tinha parado de nevar, e a rua estava cheia de carros. Quando olharam para trás, a casa pareceu estranhamente deslocada: uma estrutura decadente, caindo aos pedaços, comprimida em um vão entre as casas geminadas.

– Parece que ela foi largada do alto – disse McGorry.

Erika enfiou as mãos no bolso e curvou o corpo para se proteger do frio enquanto andavam em direção ao beco para voltar a Coniston Road.

– Vou ter que registrar tudo isso em um relatório – disse ela.

– E o estrangulamento?

– Eles não falaram em prestar queixa, o que não significa que não farão isso. Você é um idiota, John! Por que deixou a situação chegar a esse ponto?

– Ele estava me agredindo, eu tentei apenas... acalmar o sujeito, parar de levar porrada. Foi instintivo. E você falou tudo aquilo sobre solicitação de informações pra justificar um estrangulamento.

– Mesmo assim eles podem prestar queixa e causar problemas. Você precisa ficar esperto. Tem sempre que pensar nas consequências dos seus atos.

– Isso é impossível.

– É claro que é impossível, droga, mas faz parte da profissão. Você não pode se meter em situações que o obriguem a usar força desnecessária.

– Desculpe – disse McGorry, com o rosto corado.

– Tudo bem. Estamos vivendo uma época difícil, John. Todo mundo se ofende com tudo, e somos considerados culpados por tudo, o tempo todo. Então, seja inteligente. Pense. Farei o possível para evitar isso no relatório...

Os dois haviam alcançado o beco e estavam passando pelo muro alto do quintal dos Pitkin quando Erika notou algo atrás da lixeira.

– O que foi? – perguntou McGorry.

Ela se agachou e, tirando um saco plástico de provas do bolso, pegou um pequeno tubo preto de plástico. Em seguida, ergueu o plástico contra a luz, balançando-o um pouco até a tampinha do tubo se soltar.

– Um filme de câmera – respondeu ela, sorrindo.

– Usado?

– Espero que sim. Eu vi a câmera antes de ele arrancar o filme. Ele só tinha tirado uma foto.

– Você acha que ele usou um filme inteiro quando estava no alto da árvore, depois o trocou? – questionou McGorry, esperançoso.

– Só vamos ter certeza quando mandarmos revelar e identificarmos a impressão digital do tubo – disse Erika.

CAPÍTULO 6

Quando Erika e McGorry chegaram novamente à Coniston Road, os policiais estavam batendo de porta em porta. Guardas andavam para cima e para baixo, parando nas casas e conversando com os vizinhos do lado de fora. Tinha começado a nevar novamente e, apesar de ser cedo, pouco antes das 3h da tarde, a luz já diminuía. A presença da polícia conflitava com as luzes de Natal nas janelas.

Chegando à van de apoio, Erika pediu que McGorry mandasse a perícia revelar o filme imediatamente. Ao sair do veículo, viu a maca de necrotério com um pequeno saco preto em cima sendo empurrada pelo espaço estreito entre os pilares do portão. Todos observaram em silêncio. Erika pensou no quanto o saco parecia pequeno. Isaac se despediu com um aceno de cabeça. O corpo foi colocado na van, e as portas, fechadas. A detetive sentiu uma onda de exaustão e tristeza se aproximando, mas evitou ser levada por ela. Respirou fundo uma vez e se permitiu distrair com uma policial que acabava de chegar à cena, de cabelo louro pouco acima dos ombros e casaco azul comprido.

– Sou a detetive Tania Hill, responsável pelos testemunhos e acompanhamento de familiares – a mulher se apresentou, estendendo a mão.

– O que você já sabe sobre o caso? – perguntou Erika.

– Só vi o corpo da garota. Nunca tinha visto tanto sangue congelado – respondeu ela, cobrindo um pouco o rosto com a lapela do casaco. – A mãe é, aparentemente, muito vulnerável. Baixa renda, problemas sérios de saúde devido ao álcool.

– Ela está na casa do vizinho. Ainda bem que você chegou, gostaria de falar com ela – disse Erika.

As duas atravessaram a rua em direção a uma casa elegante, com janelas em PVC novinhas e um pequeno jardim cercado de concreto. Erika tocou a campainha. A porta foi aberta por uma senhora baixa de meia-idade, vestindo um agasalho de veludo vermelho e chinelos

dourados. O cabelo branco, bem aparado em estilo *pixie cut*, parecia não harmonizar com o rosto enrugado. Ela segurava um cigarro com a mão esquerda.

Erika fez as devidas apresentações e ambas mostraram os distintivos.

– Qual é o seu nome?

– Quem quer saber? – retrucou a mulher, com uma atitude tão defensiva que chegava a ser cômica. Sua voz era rouca, típica de fumantes de longa data.

– Eu quero – disse Erika.

– Meu nome é Joan Field.

– Podemos entrar, por favor?

Joan moveu-se para o lado. O tapete azul-escuro no corredor de entrada estava impecável.

– Sem sapatos – advertiu ela.

– Posso chamá-la de Joan? – perguntou Tania.

– Não, prefiro Sra. Field.

– Sou a oficial de acompanhamento familiar – informou Tania, colocando os sapatos ao lado do corrimão. – Minha função aqui é dar suporte, servir de ponte entre Mandy e a investigação policial.

Joan a olhou de cima a baixo.

– Servir de ponte? Isso não é um daqueles termos chiques para falar ao telefone?

Tania ignorou a provocação.

– Onde está Mandy?

– Na cozinha.

As detetives a seguiram, passando por uma sala mobiliada com um conjunto de três sofás de veludo vermelho e uma pequena árvore de Natal prateada, sem enfeites nem fotos, o que dava a impressão de que ninguém morava ali. Nos fundos, havia uma pequena cozinha que dava para um quintal coberto de neve. Estava limpa, embora entulhada. O teto e as paredes eram amarelados pela nicotina, e um peru congelado, ainda embalado, pairava na pia.

A mãe de Marissa Lewis, Mandy, era uma mulher corpulenta e usava um conjunto de moletom cor-de-rosa encardido. Estava sentada à mesa, as enormes nádegas sobrando dos dois lados da cadeira. Erika olhou imediatamente para o tênis de corrida velho, cortado ao meio para caber

os pés inchados. Mandy tinha o rosto pálido e os olhos embaçados e injetados.

– Mandy Trent? – chamou a detetive.

– Marissa não era adotada. Somos do mesmo sangue – disse Mandy, vendo a surpresa de Erika em relação à sua aparência. – Ela tem o nome do pai, e eu mudei o meu quando ele me deu um pé na bunda... Marissa herdou a magreza dele. – A voz dela estava carregada de amargura.

– Vocês aceitam chá? – ofereceu Joan, aproximando-se da chaleira.

– Por favor – assentiu Erika. Tania concordou com um gesto de cabeça, e as duas puxaram uma cadeira.

– Mandy, estou aqui como responsável pelo acompanhamento dos familiares da vítima – disse Tania, colocando a mão sobre o braço dela. – Vai ser um período difícil pra você, e estou aqui para ajudar e explicar o que vai acontecer daqui pra frente.

Mandy acendeu um cigarro e soprou a fumaça no rosto de Tania.

– O que vai acontecer daqui pra frente? Você quer me levar pra ver o corpo? Era ela.

– Você está bem para responder a algumas perguntas? – questionou Erika.

– Eu a encontrei na porta de casa hoje de manhã, quando estava levando o lixo pra fora. Caída lá, parada e em silêncio, mas o sangue... Tinha tanto!

– Consegue lembrar que horas eram?

– Umas 8h.

– Marissa morava com você? – perguntou Erika.

– Sim. Ela me paga pela faxina desde os 16 anos.

– Você sabe onde ela esteve ontem à noite?

– Ela tinha um show de dança, não me pergunte onde. Marissa faz... fazia... um monte deles. Era dançarina burlesca, dançava em boates por toda West End. Algumas noites por semana.

– E você não ouviu nada ontem à noite? Não ouviu Marissa chegar em casa?

– Não.

– Você esperava que ela chegasse em um horário específico?

Mandy negou com a cabeça.

- Cumpri o papel de criá-la, ela já era adulta...
- Que horas você foi dormir?
- Peguei no sono umas 22h, eu acho.
- Não escutou nada?
- O quê, por exemplo?
- Gritos, barulhos no jardim. Um veículo?
- Não.
- A chave dela ainda estava na fechadura do lado de fora quando você a encontrou?
- Sim. Já contei isso pra polícia.
- Você ficou na sala até 10h da noite?
- Fiquei vendo TV. Uma porcaria. Costumava passar coisa boa na véspera de Natal.
- Há quanto tempo Marissa trabalhava como dançarina burlesca? – perguntou Tania.
- Três ou quatro anos. Ela estava se virando bem, com a agenda cheia. Só que isso não dá dinheiro... não dava. Ela me pagava pela faxina e três dias depois pedia emprestado de novo.
- Os acessórios e as roupas que ela usava pra dançar custam uma fortuna – disse Joan, pegando as xícaras no armário. – Leques de pena, adereços para a cabeça. Mandy até começou a usar o quarto dos fundos pra Marissa ter mais espaço, não é?
- O quarto dos fundos é mais perto do banheiro, e eu cuidava da faxina – esclareceu Mandy, como se não quisesse que aquilo parecesse um ato de gentileza. Erika não entendeu muito bem. Mandy parecia pragmática demais em relação à morte de Marissa. Joan se aproximou, segurando as xícaras de chá.
- Marissa tinha um namorado sério? – perguntou Erika.
- Mandy soprou a fumaça do cigarro com uma longa e silenciosa risadinha.
- Nunca durava o suficiente pra ficar sério. Havia um monte de rapazes da região em cima dela, e ela tinha alguns admiradores que compravam presentes... – Erika e Tania trocaram um olhar. – Não quero falar mal dos mortos, mas minha filha era uma piranha. Dormiu com dois caras da nossa rua, ambos casados. Rapazes de todos os tipos iam e vinham, mas os que eu sei mesmo são esses dois.

– Quem eram os casados? – perguntou Erika.

– Don Walpole, que mora no número 46 com a esposa. Marissa transava com ele alguns anos atrás, quando ela tinha 16...

– Dizem que ela já dormia com ele antes de completar 16 – interrompeu Joan, balançando a cabeça como se soubesse do que estava falando.

– Don Walpole não é nenhum molestador de criancinhas, Joan. Ele só fez o que qualquer um faria quando recebe algo de bandeja. Marissa se desenvolveu cedo, aos 14 já parecia ter 20 – disse Mandy, acendendo um cigarro no outro.

– E o outro homem casado?

– Ivan... Como é mesmo?

– Stowalski – emendou Joan.

– Isso. Ele é polonês. Tem uma graninha no banco, acho que foi por isso que ela gostou dele. Porque bonito ele certamente não é. Pálido e abatido de dar dó, aquele lá. Ficaram juntos por alguns meses.

– Você sabe quando eles se viram pela última vez?

– Não. Ele apareceu em casa algumas semanas atrás, mas não entrou.

– Marissa trabalhava como dançarina em tempo integral?

– Não – respondeu Mandy, negando com a cabeça. – Ela também trabalhava algumas horas por semana como cuidadora de uma senhora idosa em Hilly Fields, do outro lado da rua.

– Qual é o nome dela?

– Elsa Fryatt – respondeu Joan. – Ela tem 97 anos. Muito elegante, apesar do nome Elsa. Mora em uma das casonas com vista para o campo.

– Marissa tirou a sorte grande trabalhando lá – disse Mandy. – Tudo o que ela fazia era levar a mulher para fazer compras, e foi até colocada como beneficiária do seguro do carro. Não era exatamente um trabalho de cuidadora. Acho que Elsa gostava de ter Marissa por perto, igual àquelas mulheres que apreciam certa grosseria nos homens. Imagino que ela goste de se entreter com gente comum.

– E quanto aos amigos? – perguntou Erika.

– Acho que a maioria já deve ter morrido. Você não ouviu? Ela tem 97 anos.

– Não... estou falando de Marissa – disse Erika.

Mandy soprou a fumaça e tomou um grande gole de chá.

– As meninas com quem ela trabalhava nas boates são um bando de piranhas, era o que Marissa costumava dizer. Mas ela tinha uma amiga desde a época da escola, Sharon-Louise Braithwaite. Trabalha lá no salão.

– No Goldilocks Hair Studio?

– É, esse mesmo.

– Você poderia fazer uma lista das boates onde Marissa trabalhava?

O lábio inferior de Mandy tremeu, e ela enxugou os olhos.

– Mas que inferno! Não consigo pensar direito pra fazer listas, sem contar esse falatório todo no passado: trabalhava, morava...

– Podemos fazer isso mais tarde – interveio Tania, encostando no braço de Mandy.

– Quando vou poder voltar pra minha casa? – perguntou ela, esquivando-se do toque da policial.

– Os peritos estão verificando se há mais alguma prova que possa ajudar na investigação. Vamos avisá-la assim que terminarmos – respondeu Erika. – Você quer que Tania procure um lugar pra você ficar?

– Não, vou ficar aqui com Joan – recusou Mandy.

Joan assentiu com a cabeça, mas não se mostrou muito animada.

CAPÍTULO 7

○ que você achou? – perguntou Erika, puxando a gola do casaco, ao saírem da casa de Joan.

– O luto se manifesta de diferentes maneiras – respondeu Tania.
Erika franziu a testa.

– Não me venha com essa, deixa de enrolação. Você lida com muitos parentes de luto. Havia uma hostilidade real ali.

– Por parte das duas, apesar de eu achar que Joan estava sendo influenciada por Mandy. Ela é quem dita as regras e sente mais desgosto pela filha.

– Nem todas as vítimas de assassinato são amadas pelos parentes.

– Você acha que a mãe é suspeita?

– Todo mundo é suspeito. Quero que a perícia dê uma olhada nas roupas e colha o material embaixo das unhas de Mandy... – Erika acenou para uma jovem policial, que pareceu preocupada ao vê-la atravessando a rua em direção ao portão. – Qual é o seu nome?

– Kay Hornby. Agente Kay Hornby, senhora – informou a jovem.

– Preciso que chame um dos peritos para recolher as roupas da mãe da vítima, Mandy Trent, além do material embaixo das unhas dela.

– Sim, senhora... Eu tenho um par de tênis sobrando no carro – disse ela, vendo os sapatos de salto de Erika, ensopados e prestes a se desintegrar. Erika olhou os pés da jovem, que usava sapatos pretos.

– Quanto você calça?

– 36. Não são tênis fedorentos de academia, eu uso pra dirigir. Mas foi só uma ideia, senhora. – Ela parecia tensa, como se tivesse passado dos limites.

– Obrigada. Vou aceitar, sim – respondeu Erika.

– Ótimo, senhora. Vou lá correndo buscar.

O telefone de Erika vibrou no bolso, e ela se afastou para atender.

- Onde você está? – perguntou Marsh. – São quase 16h!
- Desculpe, me chamaram para a cena de um crime. Uma jovem foi morta na porta de casa, na Coniston Road, perto da Crofton Park.
- Você não estava de plantão hoje.
- Estou ajudando. Muitos policiais estão de folga hoje por causa do Natal...
- Eu sei disso!
- Só estou explicando por que estou aqui.
- Eu estava esperando você para o almoço.
- Eu sei, desculpe. Não consigo chegar a tempo. Comprei presentes pras meninas, vou dar um jeito de deixar aí mais tarde...
- Vou repetir: eu estava esperando você para o almoço.
- Isso é uma ordem?
- Não. Eu só queria ver você. Marcie e as meninas também... – Marsh parou de falar. O silêncio se prolongou, e Erika percebeu que ele havia desligado. Ela pôs o telefone de volta no bolso, sentindo-se culpada. Atravessou a rua e foi até a van de apoio, onde Kay a esperava com um par de tênis rosa e branco.
- Obrigada – disse Erika.
- Tem meias também, dentro dos tênis.
- Erika tirou os saltos destruídos e se apoiou no braço de Kay para calçar os tênis.
- Ah, muito melhor! Obrigada.
- McGorry saiu da van. Ao ver Kay, sorriu e arqueou uma sobrancelha.
- Mais tarde eu devolvo – disse Erika.
- Tudo bem, fique com eles o tempo que for preciso – disse Kay, cumprimentando McGorry com a cabeça e voltando para a van.
- Você não tem namorada? – perguntou Erika, vendo o detetive acompanhar a jovem com o olhar.
- Tenho – disse ele, um pouco incomodado.
- Você sabe que nem toda policial nova vai ficar caidinha pelo seu charme, né?
- Não faço ideia do que você tá falando.
- Erika revirou os olhos.
- Anda, vamos trabalhar.

Havia um policial parado na porta da frente. O corpo de Marissa Lewis tinha sido removido do jardim, deixando para trás uma enorme poça de sangue congelado. A neve que cobria o caminho foi limpa, e os espirros de sangue, marcados com pequenos números amarelos.

A casa estava uma bagunça por dentro, cheia de móveis antigos e fedendo a umidade e fritura. Havia uma árvore de Natal minúscula, e a cozinha, completamente engordurada, estava abarrotada de pratos. As escadas levavam a um segundo andar encardido, cujo teto estava afundado, com um banheiro e dois quartos. Erika e McGorry colocaram luvas de látex. A janela do quarto da frente dava para a rua – cheia de policiais naquele momento. O cômodo parecia ter sido pintado recentemente e estava impecável, com móveis novos e uma bonita colcha florida. Em uma das paredes havia três manequins de alfaiate enfileirados, dois vestidos com plumas e com um espartilho preto. As prateleiras na parede oposta acomodavam sete perucas vestidas em cabeças de poliestireno, e havia uma penteadeira coberta de maquiagem sob a janela. Em frente ao guarda-roupa embutido, vários sapatos de salto, de cores diferentes, enfileirados e organizados.

– Ela tostava *marshmallows* na lareira a gás? – perguntou McGorry, aproximando-se de uma pequena lareira e pegando um dos vários espetos de metal encostados na grade. Havia algo na ponta que parecia um *marshmallow* queimado.

– Acho que eram usados pra engolir fogo – disse Erika, examinando o objeto. Havia algumas fotos emolduradas na parede. Na primeira, Marissa posava deitada numa enorme taça de champanhe, vestindo apenas uma lingerie transparente cor-de-rosa. Em outra, usava meia-calça preta, espartilho e borlas presas no mamilo, e segurava um dos espetos em chamas perto da boca. A última foto era um cartaz que mostrava Marissa deitada numa carruagem, de corpete prateado, rodeada por rapazes de cueca. Um enorme título dizia:

UMA NOITE COM MISS HONEY DIAMOND

14 DE JULHO DE 2017

BETHNAL GREEN WORKING MEN'S CLUB

– Deve ser o nome artístico dela, Miss Honey Diamond – disse McGorry.

Erika notou um losango dourado bordado no espartilho do terceiro manequim.

– Esse símbolo em forma de diamante é o mesmo do cartaz. Também está bordado nos outros dois figurinos – disse ela, conferindo as roupas.

– Diamantes para Miss Honey Diamond – disse McGorry, aproximando-se e passando o dedo na costura.

– Precisamos conferir se isso é uma marca de roupas ou se foi costurado depois. Vamos começar investigando as redes sociais e o registro telefônico da vítima.

– A perícia não encontrou computador algum na casa – disse McGorry. – Também não havia telefone, e nenhum celular foi achado junto ao corpo.

– Então o celular dela desapareceu.

Erika abriu o guarda-roupa e encontrou mais figurinos. Havia outros dois sutiãs bordados com o losango. Tinha também algumas roupas comuns: jeans, blusas, vestidos “comportados” e sapatos. Em uma das portas, várias fotografias de Dita Von Teese em apresentações burlescas, e, em uma delas, Dita aparecia deitada em uma enorme taça de martini.

Os detetives voltaram ao corredor, passaram por um banheirinho imundo e chegaram a um pequeno quarto nos fundos. Era quase um caixote, mobiliado com nada além de uma cama e um guarda-roupa. A cama estava coberta por sacos de lixo cheios de roupas e toalhas. No peitoril, uma escova de cabelo e cremes para o rosto. No radiador, uma enorme calcinha acinzentada.

– Nossa! – exclamou McGorry, levantando-a. Erika olhou séria para ele, mas não disse nada. – Ela abriu mão do melhor quarto para deixar Marissa guardar as coisas lá?

– Segundo ela, Marissa pagava pela faxina.

– Não parece que ela dorme aqui.

Erika viu que os sacos plásticos estavam cobertos por uma camada de poeira.

– Ela disse que foi pra cama por volta das 10h da noite.

– Estaria querendo dizer que dorme no sofá? – questionou McGorry. Os dois voltaram ao andar de baixo e foram para a sala. O sofá próximo à

janela estava coberto por um edredom amarrotado e um travesseiro. No chão, havia uma garrafa de vodca barata e duas latas de Pringles vazias.

– Ela não falou isso – respondeu Erika, indo até a janela. Estava encardida de sujeira e condensação, o sangue de Marissa respingado do lado de fora. Havia somente uma vidraça, e uma corrente de vento gelada entrava pela estrutura apodrecida. Eles perceberam que dava para escutar muito bem o barulho da rua lá fora.

– Talvez ela estivesse bêbada demais pra se lembrar – comentou McGorry, apontando para a garrafa de vodca vazia.

Erika escutou a porta da van de apoio bater e os passos de alguém andando na neve lá fora, atrás da cerca-viva. Ela se perguntou se o assassino teria ficado à espreita bem ali.

– Será que Marissa teve chance de gritar? – questionou Erika, mais para si do que para McGorry.

CAPÍTULO 8

Erika e McGorry voltaram à van de apoio, onde um grupo de seis policiais fazia um intervalo. Estavam batendo papo, mas ficaram em silêncio quando viram Erika se aproximar.

– Fiquem à vontade – disse ela.

– O lanche chegou, senhora – comentou um dos policiais, apontando para uma mesa onde havia uma garrafa térmica enorme e uma pilha de sanduíches embalados.

– Obrigada. Qual é o seu nome? – perguntou ela.

– Agente Rich Skevington, senhora.

Erika e McGorry pegaram sanduíches e serviram café em copinhos descartáveis. O silêncio foi quebrado pelo som do café sendo despejado no copo. Erika olhou em volta. Não reconheceu quase ninguém – todos pareciam tão jovens!

– Quem pode me atualizar sobre o roteiro de investigações? – perguntou ela, rasgando o plástico do sanduíche e dando uma mordida.

– Ninguém atendeu na casa de Don Walpole, nem na de Ivan Stowalski. Estamos aguardando o número do celular deles – respondeu Kay, a jovem policial que havia emprestado os tênis.

– E o resto da rua? As pessoas estão cooperando? – Erika tomou um gole de café por cima do sanduíche.

– Metade das casas está vazia, mas quem conhecia Marissa Lewis sabia que ela teve um caso com Don Walpole, e que estava dormindo com Ivan Stowalski escondido da mulher.

– Ainda não sabemos se a esposa de Ivan Stowalski o deixou – acrescentou Rich. – A vizinha de porta deles, uma senhora bastante hostil, disse que os dois foram para o norte visitar a família no Natal. Também estamos verificando os jardins e as lixeiras para tentar encontrar o celular da vítima, caso tenha sido jogado fora, mas até agora nada.

– Como a equipe está se saindo no conjunto habitacional?

– Acabei de voltar de lá – respondeu outro policial jovem. – Falamos com os suspeitos de sempre. Uns rapazes disseram já ter ouvido falar de Marissa.

– O que quer dizer com “ouvido falar”? – perguntou Erika.

– Disseram que ela tinha fama de rodada, se é que me entende... Palavras deles, não minhas. Os dois têm ficha na polícia, um cumpriu três anos por estupro, e o outro tem passagem por agressão. Ambos dizem ter um álibi para a noite do assassinato: ficaram até 6h da manhã em uma boate em New Cross Gate, a H20. Falaram pra gente conferir as câmeras de segurança.

Erika revirou os olhos.

– *Haitch 20*. Conheço o lugar. Já perdi a conta de quantas vezes pedimos vídeos de segurança pra eles. Ok, coloque alguém encarregado disso... – Ela deu outra mordida. – Qual é o problema desses sanduíches? – perguntou, com a boca cheia.

– São “Sanduíches Festivos de Natal”. Era a única coisa no posto de gasolina – explicou Rich.

Erika cuspiu a comida de volta na embalagem.

– Consigo entender a lógica de misturar peru com molho agridoce, mas quem põe batata assada num sanduíche?

Erika jogou o resto no lixo e olhou para a equipe. Todos haviam desviado o olhar, evitando tornarem-se alvo de sua raiva. Os policiais veteranos haviam tirado folga para ficar com a família ou com seus cônjuges. Ela sentia falta da conexão com a equipe com a qual costumava trabalhar. Os detetives inspetores Moss e Peterson, e o sargento Crane. Pensou brevemente se estariam tendo um bom Natal. Estava feliz pela companhia de McGorry, mas ele ainda era relativamente novato e havia se voluntariado para ficar, correndo o risco de enfrentar a fúria da namorada que o esperava em casa.

O telefone de Erika tocou. Era um número desconhecido, e ela saiu da van para atender. Já estava escuro, e o ar gelado bateu bem no fundo de sua garganta.

– Ei, Erika, é Lee Graham.

– Oi, feliz Natal – disse ela.

– Feliz Natal pra você também. Não tive sorte hoje, fui escalado pra ficar no laboratório.

Erika gostava de Lee. Ele era especialista em computação na Polícia Metropolitana, e os dois já tinham trabalhado juntos em outros casos. Rolou um flerte no passado, mas não passou disso. Ela se perguntou se ele estava solteiro e se foi por esse motivo que havia decidido trabalhar no Natal.

– A que devo o prazer? – perguntou ela.

– Infelizmente, não é uma ligação pessoal. Vi seu nome numa solicitação urgente pra revelar um filme.

– Isso mesmo. Você pode me dar um prazo?

– Já está pronto. Digitalizei tudo e estou mandando as fotos pro seu e-mail. As cópias impressas irão pelo correio.

– Obrigada. Vou ter que pagar um drink a você por isso.

– Aí, sim!

Erika ouviu um bip no telefone.

– Acho que o seu e-mail chegou.

– Ok, vou liberar você então. Feliz Natal – disse ele antes de desligar.

Ela abriu o e-mail e examinou as fotos. A maioria havia sido tirada da árvore em frente ao quarto de Marissa. Várias foram feitas à noite e mostravam a vítima em seu quarto após o banho, só de toalha, depois nua e vestindo roupa íntima. Também havia três fotos, tiradas de cima, do corpo de Marissa deitado na neve, e mais três de um ângulo mais baixo, que pareciam ter sido tiradas do nível do chão, perto ou dentro do jardim.

– Joseph Pitkin, seu mentiroso de uma figa – disse Erika. Ela caminhou até o portão da casa de Marissa, onde o sangue congelado estava sendo coberto pela neve fresca. Era possível ver o alto da árvore, com seus grossos galhos desfolhados. – Era dali que costumava espioná-la, Joseph? – Erika olhou as fotos novamente e viu que Lee tinha incluído uma mensagem no e-mail.

O proprietário dessa câmera usa filme profissional de 35mm ILFORD DELTA 100. Talvez use uma sala escura para revelar as fotos.

Lee.

Estava prestes a retornar para a van quando sentiu um cheiro forte de plástico queimado. Olhou ao redor e viu uma fumaça subindo no final do beco que dava para a casa de Joseph Pitkin.

Erika saiu em disparada pelo beco, sentindo o cheiro cada vez mais forte. Quando chegou ao muro dos Pitkin, uma densa fumaça preta se espalhava atrás das cercas-vivas. Ela subiu na lixeira, dessa vez com mais facilidade, graças aos tênis, e deu um impulso para cima. Através das árvores, viu Joseph com seu casaco comprido, agachado sobre um tambor de óleo em chamas. Ao lado dele, no chão coberto de neve, havia uma caixa cheia de papéis. Ele os pegou, jogou no latão, e uma chuvarada de faíscas e fuligem voou pelo céu escuro. As janelas da casa estavam escuras, e Joseph estava iluminado apenas pelas chamas.

Erika desceu devagar, pousou na faixa de terra entre o muro e a fileira de árvores e atravessou o jardim. Joseph ouviu seus passos sobre a neve, indo na direção dele.

– Pare o que está fazendo. Agora! – ordenou ela.

Ele pegou uma pá apoiada no tambor de óleo, mas ela foi mais rápida e a tomou. Erika achou que Joseph tentaria correr, mas ele se afundou na neve, segurando a cabeça, enquanto ela ligava para McGorry.

CAPÍTULO 9

Várias dessas fotos são de Marissa – disse Erika, vasculhando a caixa ao lado do tambor de óleo. Ela levantou uma foto preta e branca de Marissa fazendo uma apresentação burlesca. McGorry começou a pegar várias que haviam caído na neve. O fogo do tambor tinha apagado, mas ainda emanava calor na noite fria.

– Isso, sim, é um momento Kodak! – disse McGorry, levantando uma foto de Marissa posando no palco apenas de calcinha e borlas no mamilo, tirando com os dentes uma luva preta comprida.

– Não quero ouvir comentários idiotas. Guarde-as no envelope! – ralhou Erika. Ela olhou de novo para a casa. Agora, as luzes estavam acesas na cozinha e havia dois guardas de pé ao lado de Joseph, que estava sentado numa cadeira. Um o interrogava, e o outro fazia anotações enquanto Joseph chorava. – Você acha que aquelas lágrimas são verdadeiras?

– Ele é um garotinho mimado – disse McGorry.

Foi então que Joseph perdeu as estribeiras. Ele se levantou e, puxando os cabelos, começou a gritar com os policiais. Um deles o empurrou de volta para a cadeira, que quase virou para trás, e gritou com o rapaz. Erika tirou as luvas de látex e acendeu um cigarro. Não conseguiram salvar nada do fogo, e dentro do tambor havia um monte de cinzas. Ela precisava agir depressa e decidir se queria ou não interrogar Joseph. Segundo ele, os pais tinham ido visitar um vizinho e beber alguma coisa. Ela olhou as horas: quase 8h da noite. Deu um longo trago no cigarro, e seu telefone tocou. Foi para o outro lado do quintal e viu que era Marsh. Quando silenciou o telefone e o pôs de volta no bolso, deixou o cigarro aceso cair sem querer. Ele rolou pela neve, por baixo da fileira de cercas-vivas. Ela pegou o celular novamente, ligou a lanterna e mirou debaixo das árvores. O cigarro,

ainda aceso, estava preso em uma cerca-viva. Ela também viu que o solo tinha sido revirado ali perto. Não estava daquele jeito mais cedo. Ela gritou e pediu para McGorry pegar a pá apoiada no tambor.

– Olhe – disse ela, quando o detetive chegou. – O chão não estava revirado quando pulamos o muro hoje de manhã. Vamos cavar aqui.

Erika apontou a luz para o chão, e McGorry começou a raspar o solo. Menos de um metro abaixo, havia algo pequeno e pegajoso enrolado em plástico. Erika vestiu um novo par de luvas de látex e se agachou ao lado do buraco. Retirando a terra, começou a desembalar cuidadosamente as várias camadas de sacolas plásticas, achando que encontraria um bloco de haxixe. A última camada de plástico envolvia um iPhone com a capa cravada de pedras cor-de-rosa. Havia um nome escrito com cristais transparentes na parte de trás: *Marissa*.

– Caramba – disse McGorry.

– Vamos levá-lo para interrogatório. – Erika conferiu se o iPhone estava desligado e o colocou em um envelope de provas transparente.

Quando os detetives retornaram à cozinha, David e Elspeth Pitkin tinham acabado de chegar.

– O que significa essa invasão? – questionou David, ainda de casaco grosso e gorro de pompom cinza. Elspeth se aproximou de Joseph e começou a examinar seu rosto ensopado de lágrimas.

– O que eles fizeram com você?

Ele a encarou, inexpressivo.

– Sr. e Sra. Pitkin, vocês tiveram uma boa noite? – perguntou Erika, com um sorriso doce.

David virou-se para ela.

– O que significa isso?

– Seu filho estava queimando fotos da vítima no quintal.

Elsbeth disparou um olhar para o marido, que a ignorou.

– Não é ilegal tirar fotos. Já conversamos sobre isso, inspetora Foster.

– Mas é ilegal roubar o telefone de um cadáver e enterrá-lo no quintal. – Erika levantou o envelope de provas. – Chama-se omissão de prova.

– Como vamos saber que você não o plantou lá? – berrou Elspeth, a voz trêmula de emoção.

Erika acenou para os dois policiais.

– Joseph Pitkin, estou prendendo você por suspeita de omissão de provas...

– NÃO, O MEU MENINO, NÃO! – gritou Elspeth, tentando bloquear os policiais.

– ...omissão de provas pertencentes a uma investigação de assassinato. Você tem o direito de permanecer em silêncio, e tudo o que disser poderá ser usado como prova.

– Ele estava com a gente ontem à noite. Ele não saiu! – insistiu Elspeth, estendendo os braços para segurar Joseph. Um dos guardas afastou e algemou Joseph com as mãos nas costas. – Não encoste em mim! Não me ataque! – gritou ela.

David só observava, pálido.

– Por favor, policiais, meu filho é muito vulnerável – disse ele.

– Pegue o telefone dele – disse Erika. O policial enfiou a mão no casaco de Joseph, tirou um smartphone e o entregou a Erika, que o desligou e guardou em um envelope de provas. – Quero que providenciem uma busca nesta casa, de ponta a ponta. E como bom conhecedor da lei, Sr. Pitkin, concordará que seu filho me deu razões suficientes para fazer uma busca sem mandado.

– Por favor, não o prendam. Por favor! – berrou Elspeth. David teve de segurá-la enquanto Joseph era levado.

CAPÍTULO 10

Asala de custódia da delegacia de Lewisham Row ficava no porão e era separada das outras por uma grossa porta de ferro. Erika era policial havia tempo suficiente para se lembrar de que o lugar costumava ser chamado de “gaiola”. Entretanto, o termo não escondia o fato de que aquela era uma parte deprimente da delegacia: um corredor estreito, úmido, cheio de portas de ferro com trancas pintadas de verde-escuro.

Ray Newton era o sargento de custódia de plantão. Um homem baixinho, corpulento, que usava um bigode grosso e estava começando a ficar careca. Ray já os aguardava quando Joseph chegou ao balcão, escoltado por dois guardas.

– Ele passou por uma revista completa – informou Erika. – Estamos aguardando informações do advogado.

– Vamos lá, rapaz – disse Ray, pegando uma prancheta e entregando a Joseph uma caneta presa ao balcão por uma corrente grossa. – Temos que preencher uns documentos, então os policiais vão retirar suas algemas. Não quero nenhuma gracinha. Seja educado que farei o mesmo.

O humor de Joseph mudou, e ele começou a agitar os braços, ainda algemados.

– Vocês... vocês são uns babacas de merda! – gritou ele, tentando se virar para Erika e McGorry.

– Já chega! – disse Ray.

– Eles armaram pra mim! Eu não fiz nada! NADA!

– Vamos deixá-lo com vocês – disse Erika, acenando para McGorry acompanhá-la.

Os dois subiram a escada, atravessaram as portas grossas e chegaram à parte principal da delegacia, parando nas máquinas automáticas perto da escada.

– Esta é a primeira vez que sou xingado no Natal – comentou McGorry.

– Deixa a gente com espírito festivo, não é? Como se estivéssemos de frente pra lareira, segurando uma bebida quente.

– Você vai deixar o rapaz suar nas gaiolas a noite toda? – perguntou McGorry.

– Quero esperar até de manhã para interrogá-lo – corrigiu ela. – Kay está trabalhando no desbloqueio dos celulares lá em cima.

O telefone de Erika tocou, e ela conversou rapidamente com um dos policiais na casa dos Pitkin.

– Acharam uma câmara escura improvisada no andar de cima, no armário do quarto de Joseph, mas não havia fotos – disse ao desligar.

– Ele queimou tudo antes de chegarmos – concluiu McGorry.

– Kay é especialista forense em aparelhos eletrônicos. Quero saber o que tem nos celulares dele e de Marissa antes de interrogá-lo. Tomara que tenha alguma coisa.

– São uma família meio esquisita, não acha? Pessoas esnobes sempre são um pouco estranhas. Mas ele seria tão idiota a ponto de enterrar o telefone com a capa personalizada?

– Não subestime o quanto as pessoas podem ser idiotas. Também quero ver se as impressões digitais dele estão no tubo de filme que achamos no beco.

– E aquele monte de fotos de Marissa Lewis? Acha que ela sabia que estava sendo fotografada? – perguntou McGorry.

– Ele provavelmente comprou um ingresso para o show dela.

– Então por que queimá-las?

Erika balançou a cabeça, exausta.

– Precisamos confirmar se o telefone estava registrado no nome de Marissa e ver se conseguimos mais informações sobre Joseph. Ele tem passagem na polícia? – Ela escolheu um café na máquina, e os dois ficaram em silêncio enquanto o copo enchia até fumer. – Mandy Trent foi bem aberta em relação aos envolvimento de Marissa. Ela não mencionou Joseph. Vou pedir a Tania, a responsável pelo acompanhamento dos familiares, para perguntar de novo – completou ela, pegando o copo na máquina.

– Não temos o suficiente para acusá-lo de assassinato. E ele tem um alibi – disse McGorry.

– Da mãe dele.

– Não temos nada que o coloque na cena do crime ontem à noite.

– Ainda. Nada *ainda*. Autópsia, perícia, tudo está sendo conduzido.

McGorry bocejou, colocou dinheiro na máquina e escolheu o café.

Erika analisou o rosto cansado do detetive enquanto o copo enchia.

– Você devia ir pra casa descansar um pouco. Quero você aqui quando for interrogá-lo de manhã.

Os dois provaram as bebidas, depois cuspiram de volta no copo.

– Mas que droga é essa?

– Sopa sabor carne – disse ele, fazendo careta.

– Você apertou o botão do café?

– Apertei.

Eles descartaram os copos na lixeira, e Erika colocou mais moedas na máquina, escolhendo café com leite desta vez. Quando ficou pronto, levou o copo ao nariz.

– É a mesma porcaria. Fecharam a cantina e não deixaram nada pra gente além de sopa artificial de carne!

– Devem ter errado ao abastecer a máquina – disse McGorry.

– Qual é o problema desse país? Sanduíche de batata e sopa sabor carne! Não conheço ninguém que tome isso. Mesmo no mundo das máquinas de quinta categoria, essa seria a terceira opção depois de chá e café!

– Dá pra comprar enlatado...

– O quê?

– Sopa sabor carne. Minha avó tem um armário cheio deles, ela adora.

Erika olhou para ele e sorriu.

– Vá pra casa e prepare um jantar de Natal. Vejo você amanhã.

Erika foi até o quarto andar e entrou em sua sala. Era minúscula, mal tinha espaço para uma mesa pequena, uma cadeira e uma estante de livros. O celular de Joseph estava plugado no notebook em que Kay trabalhava.

– Desculpe, a máquina de café está com defeito e não tem nada na cozinha dos funcionários – disse Erika. – Como está indo aí?

– O iPhone de Marissa está protegido por senha. Teremos que mandá-lo para a Unidade de Crimes Cibernéticos, e talvez nem eles

tenham muita sorte. É praticamente impossível hackear um iPhone. Pelo número IMEI, vi que é pré-pago.

– O que vai deixar o rastreamento dos registros ainda mais difícil... Que droga!

– A boa notícia é que o celular de Joseph Pitkin não tem senha. – Kay apontou para uma janela na tela, com todos os arquivos baixados. – Acabei de transferir um monte de arquivos de vídeo.

Erika se animou e pegou uma cadeira. Kay começou a clicar nos vídeos e nas fotos. Alguns eram bem curtos: um deles mostrava um gato malhado se espreguiçando ao sol no peitoral da janela do quarto de Joseph; outro mostrava Elspeth, com o rosto vermelho, tirando do forno uma assadeira com uma rosca enorme; em outro, o mesmo gato perseguia uma borboleta no quintal, em meio aos vasos de flores, daquele jeito brincalhão e letal típico dos gatos.

– Que gracinha – comentou Erika.

Quando Kay clicou no vídeo seguinte, um estrondo assustou as duas. A música estava distorcida, e a imagem era um borrão que aos poucos foi ganhando foco. Marissa Lewis estava em um pequeno palco de uma boate lotada. Atrás dela, havia uma cortina vermelha de veludo. O vídeo foi feito um pouco mais ao fundo da plateia, e dava para ver a cabeça de algumas pessoas. O cabelo escuro de Marissa estava enrolado em cachos e preso em papelotes, e ela usava batom vermelho e cílios enormes. Desabotoava lentamente o casaco preto comprido. Em seguida, deixava-o cair no chão. Por baixo, usava um corpete rosa de seda estilo anos cinquenta, meia-calça, cinta-liga e salto alto. O vídeo tremia enquanto ela se apresentava, despindo-se até ficar de roupa íntima e borlas nos mamilos. Ao final, Marissa curvou-se para ser aplaudida e saiu do palco com uma corridinha.

– Caramba, ela era boa – comentou Kay.

– Achei que a apresentação seria vulgar, mas nossa... isso foi profissional – comentou Erika. Quando clicaram nas fotos da mesma noite, viram Joseph e Marissa de pé entre as mesas da boate. Estavam posando para a câmera, e outra pessoa tirava as fotos.

– Você acha que Marissa o conhecia? – perguntou Erika enquanto Kay abria mais seis fotos praticamente idênticas: Joseph atracado na cintura de Marissa.

– Ele parece aquele tipo de fã bizarro do qual as pessoas querem se livrar. Por que tirar seis fotos? Na sexta, parece que ela quer sair dali – disse Kay.

– Qual é a data dessas fotos?

– Quase um ano atrás. Janeiro passado.

Kay clicou em mais registros da mesma noite, de Marissa conversando com outros espectadores e posando para fotos, depois mais duas desfocadas de quando estava indo ao bar. Então, o ambiente mudou. As fotos seguintes eram escuras, iluminadas por flash.

– De quando são essas? – perguntou Erika.

– A marcação mostra o mesmo dia, mesmo horário.

– Parece que é nos bastidores.

Havia fotos do que parecia ser um camarim. Estava vazio, com um espelho grande rodeado de lâmpadas. Havia *close-ups* de araras com roupas burlescas. Uma calcinha preta largada no chão. Uma mão levantando-a para a câmera. No tecido, o símbolo de um diamante bordado.

– Honey Diamond – disse Erika. – Esse símbolo estava bordado nos trajes burlescos da Marissa.

De repente, as fotos mudaram para um vídeo da casa de Marissa Lewis. Foi gravado durante a noite, num ângulo de cima para baixo, e mostrava o quarto de Marissa pela janela. A imagem estava tremida, e dava para ouvir o vento interferindo no microfone do celular. Marissa apareceu caminhando de toalha pelo quarto. Foi até a penteadeira, pegou uma escova e começou a passá-la no cabelo molhado. Depois soltou a toalha e ficou nua. O vídeo deu um zoom e perdeu o foco. Marissa estava olhando pela janela bem na direção da câmera.

“Droga”, xingou a voz de Joseph, mais alta que o vento. Ele continuou filmando, e ela continuou imóvel, observando. Depois, segurou os seios e desceu as mãos pelo corpo. Parou acima do pelos pubianos, balançou um dedo e fechou as cortinas. A câmera focou as cortinas iluminadas por um momento, então o vídeo acabou.

– Ela sabia que Joseph a observava? – perguntou Kay.

– Ela sabia que alguém a observava – corrigiu Erika. Kay clicou em outro vídeo que mostrava o mesmo cenário, à noite. Dessa vez, o quarto estava bem iluminado, e Marissa entrou com um homem alto, mais

velho. Ela fez questão de levá-lo até a janela, e a câmera capturou seu rosto. Kay acelerou o vídeo enquanto os dois caminhavam até a cama, começando a se beijar e a se despir. O vídeo tinha dez minutos, era o mais longo de todos, e foi gravado em zoom enquanto o casal transava na cama. – Precisamos de uma imagem nítida do rosto desse homem para descobrir quem é. Quando isso foi filmado?

– Catorze de dezembro deste ano. Você acha que eles sabiam que estavam sendo filmados?

– Talvez ela tenha pedido para Joseph filmar – disse Erika, esfregando os olhos cansados e recostando-se na cadeira. – O que você achou dele?

– No curto período em que fiquei lá? Me pareceu assustado e bem apegado à mãe.

– Ele está se enquadrando em todas as categorias até agora. É obcecado por Marissa, a perseguia e a espionava. Roubou o celular dela e fotografou o cadáver. Mas preciso dos resultados da perícia. Se quiser realmente prendê-lo, vou precisar do DNA.

Na sala de custódia no porão da Lewisham Row, silêncio absoluto. As portas da comprida fileira de celas estavam abertas, preparadas para receber qualquer criminoso que a noite de Natal tivesse a oferecer. Apenas a porta da cela mais ao fundo estava fechada. Ray, o sargento de plantão, levantou-se da mesa e deu início à ronda usual de quinze minutos. Seus sapatos engraxados rangiam no chão. Ele abriu o trinco de metal e apontou a lanterna para dentro da sala. Joseph Pitkin estava deitado na cama.

– Você está bem, rapaz? – perguntou ele.

– Sim, ótimo – murmurou Joseph. O barulho alto da tranca sendo fechada o fez estremecer. Ajeitou-se no colchão descoberto no escuro, tentando ficar confortável enquanto lágrimas rolavam silenciosamente pelo seu rosto.

CAPÍTULO 11

Pouco mais de seis quilômetros dali, um vento gelado uivava pela Walpole Road com lufadas de neve que batiam nas paredes das casas geminadas. Diana Crow saiu da casa de sua amiga Fiona logo depois das 11h da noite, tremendo de frio. A visita tinha durado mais do que o planejado, porém Fiona havia insistido para que assistissem ao final do filme de Natal.

Diana abaixou a cabeça e saiu apressada pela rua principal, escura e coberta de neve. Apesar do frio, sentia o rosto quente devido aos quatro coquetéis de cereja que havia tomado. Esperou um pequeno Fiat passar antes de atravessar. Tinha nevado forte o dia todo, e a calçada e a rua se tornaram uma coisa só. Ela escolheu o caminho com cuidado, diminuindo o ritmo e pisando devagar na neve, procurando o meio-fio do outro lado. Subiu na calçada e sentiu um calafrio. Estava tão silencioso! Todas as janelas encontravam-se iluminadas, mas as cortinas, fechadas. Sua casa ficava a apenas alguns minutos de caminhada... Fiona havia lhe dito para pedir um táxi, mas Diana achou que seria uma extravagância ridícula pagar caro por uma corrida de táxi que duraria trinta segundos.

Passou pela estação de trem, com o poste da frente apagado e a pequena estação amortalhada na escuridão. Não havia mais carros na rua, e ela apertou o passo ao se aproximar do viaduto férreo. O ar estava úmido, com um cheiro asqueroso de urina. Ela suspendeu as lapelas do casaco e cobriu a boca. O chão do pequeno túnel que passava por baixo do viaduto estava seco, ecoando suas pegadas. O final da passagem subterrânea, iluminado pela luz alaranjada do poste, parecia bem distante. Ela se apressou, e, quando já estava quase do outro lado, uma das paredes escuras pareceu se abaular. Uma figura alta saiu das sombras e bloqueou o caminho.

Ela parou e não conseguiu se mover. Mais tarde, ela se perguntaria por que não se virou e correu, pois estava a menos de sessenta segundos

da porta de casa, e por que não reagiu ou gritou por ajuda? Em vez disso, ficou imóvel, paralisada de medo, enquanto a figura alta se aproximava. Agigantava-se diante dela. Ele rangia de leve, e, quando os olhos de Diana se acostumaram com a escuridão, viu que ele usava uma máscara de gás. Duas grandes órbitas inexpressivas e um tecido emborrachado sobre a cabeça como uma touca. O filtro da máscara soltava o vapor da respiração. Havia quadrados brancos pintados na válvula de exalação, dando a impressão de uma boca sorridente e grotesca. Quando a respiração dele acelerou, ela sentiu o cheiro leve de produto químico. Ele havia aberto o sobretudo e estava se expondo para ela, masturbando-se com a mão enluvada.

Diana abriu a boca para gritar, mas foi interrompida quando ele a agarrou pela garganta e a prensou fortemente contra os tijolos com a mão enluvada, apertando-lhe o pescoço. Foi tudo silencioso demais, e ela engasgou e sufocou, desejando desmaiar. Quando começou a perder a visão, ele afrouxou a mão o suficiente para ela respirar uma vez, depois apertou novamente.

Do lado de fora do túnel, a rua permanecia vazia. A neve caía. Estava tudo silencioso e sossegado.

CAPÍTULO 12

Erika chegou tarde a seu apartamento gelado. Morava ali há dois anos, mas ainda não havia descoberto como o sistema automático do aquecedor funcionava. A primeira coisa que fez quando entrou foi ligar o aparelho e continuar de casaco até começar a esquentar.

Tomou um banho com a água pelando, quase queimando a pele. A água escaldante a ajudou a deixar os problemas lá fora e se esquecer do trabalho, mas, apesar da água quente, ela não conseguia se livrar da imagem do corpo de Marissa Lewis caído na neve. A cena do crime sempre conta uma história, e o jardimzinho na Coniston Road narrava uma briga violenta. A quantidade enorme de sangue solidificado envolvendo o corpo de Marissa e a neve ao redor. O sapato dela, caído ao lado da frisqueira, quebrada e revirada, com os objetos esparramados na neve. As chaves ainda penduradas na porta. Se Marissa tivesse alcançado a porta poucos segundos antes, será que teria conseguido virar a chave e entrar na segurança de sua casa?

Era difícil para Erika encontrar um meio-termo entre sentir pena da vítima e se esquivar desse sentimento. Para manter sua sanidade, era mais fácil desumanizar o cadáver e pensar na pessoa como um objeto: uma coisa, ou evidência. No entanto, Erika só conseguia fazer isso à mesma medida que conseguia voltar para casa do trabalho e viver uma vida normal. Não tinha ninguém com quem compartilhar. Desde a morte de Mark, ela se envolveu com o colega detetive inspetor James Peterson, e durante um tempo pôde voltar para casa e ter alguém com quem dividir, ou, mais precisamente, ela ia para a casa dele, e os dois assistiam à televisão, pediam comida e riam. Até que Peterson foi gravemente ferido em serviço: levou um tiro na barriga, durante uma operação comandada por Erika, no desfecho de um caso de sequestro e assassinato. A batalha de Peterson para se recuperar e retornar ao trabalho culminou na separação dos dois, um desfecho terrível para um

relacionamento promissor. Agora estava sozinha e passava noites intermináveis somente com seus pensamentos.

A imagem do dente de Marissa Lewis preso no pilar do portão tomou conta da sua mente. Fechou os olhos, mas a imagem permaneceu: o dente quebrado na linha da gengiva, com uma mancha de batom vermelho. Erika abriu os olhos e colocou mais água quente na banheira. Suas pernas naturalmente pálidas se avermelharam devido ao calor. Imaginou as pernas respingadas de sangue de Marissa na foto tirada do alto da árvore. As dobras do comprido casaco de inverno abertas na neve. Depois visualizou a cena do crime e Isaac agachado ao lado do corpo. O fino tecido do vestido levantado, deixando a calcinha de Marissa à mostra. A peça íntima não tinha uma mancha sequer. Não havia sangue, e o tecido transparente revelava uma tira perfeita de pelos pubianos.

Erika puxou a tampa do ralo, saiu da banheira e se enrolou numa toalha. Foi depressa até a sala, onde, na mesinha de centro, estavam seu notebook e os arquivos do caso. A luz acesa, e as cortinas ainda abertas. A neve caía de novo, batendo no vidro e se arrastando com um barulho seco. Ela ligou o computador e clicou nas fotos tiradas por Joseph. Primeiro, as do alto da árvore, depois as feitas em close-up.

– Seu doente de merda – murmurou ela, olhando para uma e outra perspectiva, ampliando as imagens. – Você levantou a saia dela quando desceu da árvore...

O telefone de Erika tocou, fazendo-a dar um salto. Ela conferiu o horário e viu que já passava das 11h da noite. Era Edward perguntando se ela tinha gostado do almoço.

– Acabei não indo. Fui convocada para a cena de um crime – respondeu. – Muito triste. Uma garota morta na porta de casa.

– Oh. Quer conversar sobre isso?

– Na verdade, não. É sombrio e macabro demais para o Natal. O seu dia foi bom?

– Acabei fazendo uma festinha. – Ele riu. – A Kelly, vizinha lá do fim da rua, apareceu aqui com a mãe, Shirley. Elas trouxeram uma lasanha enorme e Banco Imobiliário. Era de Manchester. Adivinha qual é a rua mais cara?

– Coronation Street?

– Não. Pensei a mesma coisa. É a Lowry, em Salford Quays. É o mesmo preço de Park Lane na versão de Londres. Acho que só dá pra ganhar esse jogo quando compramos os imóveis mais caros.

– Olha só você, dizendo “imóveis mais caros”.

– Foi por isso que ganhei. Fui o típico magnatazinho!

Ele parecia normal, diferente do velhinho confuso da manhã. Erika escutou a televisão ao fundo.

– Fico feliz que seu dia tenha sido bom – disse ela.

– Acabei de voltar do cemitério. Estava nevando, mas o alto das colinas estava limpo, a Lua apareceu. Tem algum problema eu ver beleza nisso?

– Não tem, não.

– Não queria que Mark ficasse sozinho no Natal... – A voz dele fraquejou e ficou trêmula. – É tão difícil não tê-lo aqui.

– Eu sei – falou ela, enxugando os olhos.

– Não tem nada que a gente possa fazer sobre isso, tem?

– Não.

Houve um longo silêncio, interrompido por uma risada estridente ao fundo, na televisão de Edward.

– Bom, eu só queria ver como você estava, minha querida, e desejar boa noite.

– Obrigada.

– Feliz Natal. Eu te ligo depois.

– Feliz Natal – disse ela. A risada na televisão desapareceu, e Erika voltou ao silêncio do apartamento, com a neve batendo nas janelas. Ela fechou as cortinas e apagou a luz. Seu telefone tocou novamente. Desta vez era Kay.

– Desculpe ligar tão tarde, senhora, mas achei uma coisa no telefone de Joseph, no meio dos arquivos.

– Tudo bem. Ainda está trabalhando? – perguntou Erika, impressionada.

– Eu estava dando uma olhada nos arquivos baixados e achei alguns na lixeira do disco rígido. Consegui recuperar alguns. São perturbadores.

– Pornografia?

– Não. Fotos e vídeos de Joseph. Vou mandá-los agora.

Erika desligou o telefone e abriu o e-mail. Havia seis fotos. Joseph estava nu e amarrado com tiras de couro a uma mesa de madeira, pelo pescoço, pelos braços e pelas coxas. Estava com os olhos injetados e arregalados de medo. A mão de um desconhecido agarrou-lhe pela garganta, fazendo os tendões do pescoço tencionarem. Erika clicou no arquivo de vídeo. Era o mesmo cenário das fotos e parecia ter sido gravado com um celular.

– Por favor, por favor! Me deixa ir. Não vou contar nada. Não vou contar! – implorava ele, estremecendo à luz forte da câmera do telefone.

– Você não vai contar. Quer que este vídeo seja enviado a todo mundo que conhece? – disse uma voz distorcida eletronicamente. A mão apareceu e agarrou os genitais de Joseph, e ele berrou quando ela os torceu. – Tenho o seu endereço – disse a voz. – Estou com o seu telefone. Se contar alguma coisa, mando isto para todos os seus contatos... Amigos. Família. Todo mundo.

A câmera inclinou a angulação e se moveu, mostrando uma mesa com uma série de brinquedos eróticos. A mão anônima pegou o maior e retornou a Joseph, que tentou fechar as pernas, mas elas estavam abertas e amarradas com tiras na mesa.

– NÃO! – berrou ele. – NÃO!

Erika tirou o som e se obrigou a assistir ao resto do vídeo.